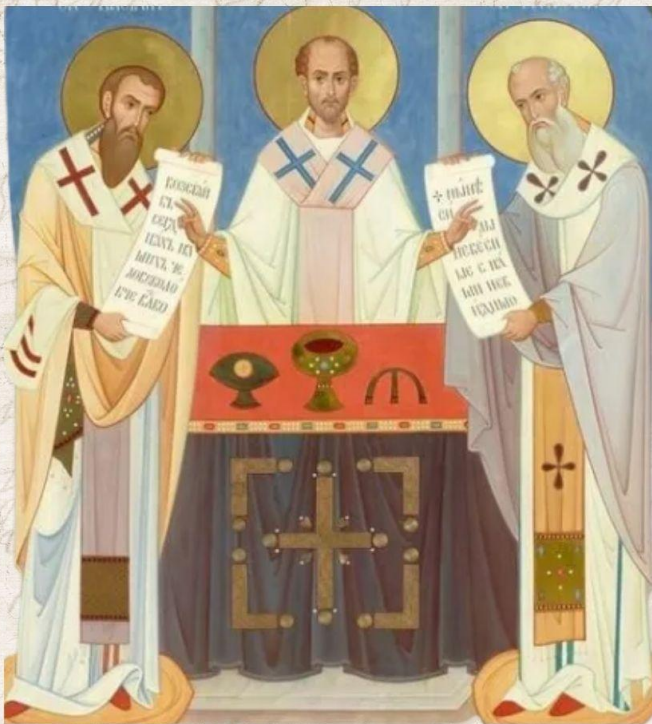


COLEÇÃO SOPHIA



ANTOLOGIA

DE TEXTOS ESPIRITUAIS

VOL. II:
«PADRES CAPADÓCIOS»



S O P H I A

ANTOLOGIA DE TEXTOS ESPIRITUAIS: «PADRES CAPADÓCIOS»

Textos recolhidos da seção SOPHIA, de ECCLESIA (Brasil)
agrupados por autor.



SUMÁRIO

SÃO BASÍLIO O GRANDE	5
«Jesus contou uma parábola sobre a necessidade de orar sempre»	11
«A fim de que todo aquele que crê obtenha, por Ele, a vida eterna»	12
«Nós contemplamos a Sua glória, a glória que possui como Filho Unigênito do Pai»	13
«Dar fruto»	15
«Que farei, já que não tenho onde guardar minha colheita?»... 16	
«Não acumuleis tesouros na terra»	18
«Quem é fiel no pouco também é fiel no muito»	19
«O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens» ...20	
«Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus»	22
«Deus convida-nos incansavelmente à conversão»	23
«Já só lhe restava um filho muito amado. Enviou-o por último»	
25	
«Onde estão os outros nove?»	26
«Deu fruto cem por um»	27
«O nascimento do Salvador: morte da morte»	28
«Ao ouvir estas palavras, [...] retirou-se pesaroso.»	29
«Ser rico aos olhos de Deus»	30
«Jesus disse [...] uma parábola sobre a necessidade de orar sempre»	31
«Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigênito»	32
«Nada preferir a Cristo»	33
«Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração»	34
«Para que todo aquele que acredita tenha nele a vida eterna»	36
«Construir outros celeiros»	37
«O homem tinha ainda alguém para enviar: o seu querido filho; e enviou-o por último»	38
«Desenvolver em nós o germe do amor»	39

«Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos» 40	
«Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração».....	41
SÃO GREGÓRIO DE NISSA	44
«Senhor, Tu és a minha alegria»	44
«Aqui está quem é maior do que Salomão!».....	45
«Logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho»	46
«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8).....	48
«Pilatos disse: ‘Aqui está o vosso Rei’» (Jo 19,14).....	50
«Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador».....	51
«Cria em mim, ó Deus, um coração puro» (Sl 50,12).....	53
«Hoje começa o mistério da Paixão».....	54
«Com os cintos apertados e as lâmpadas acesas».....	55
«Vivamos segundo Deus».....	56
«Frutificar naquele que nos foi dado na plenitude dos tempos»	57
«No anoitecer da vida, entrar na luz»	59
«Primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga».....	60
«Toda a criação [...] tem gemido e sofrido as dores de parto, até ao presente» (Rm 8,22).....	61
«Bem-aventurados os pobres em espírito»	62
«Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa» 63	
«Salvos pela água»	64
«O primeiro dia da vida nova»	66
«Levou-o para uma estalagem e cuidou dele»	67
«Prestai atenção ao que ouvis»	68
«Quem é este homem, que até o vento e o mar Lhe obedecem?» 69	
«Comiam e bebiam, compravam e vendiam».....	70
«Assim deve brilhar a vossa luz diante dos homens»	71
«Deixo-vos a paz [...]. Não se perturbe nem intimide o vosso coração».....	73
«Jesus respondeu-lhe: [...] ‘Tu, segue-Me’».....	74
«Levanta-te! Anda, vem daí...» (Cant 2,10).....	75

«Jesus respondeu-lhes: ‘Dei-vos o poder de [...] dominar toda a força do inimigo’»	76
«É com razão que te amam» (Ct 1,4)	77
«A lâmpada do teu corpo são os olhos»	78
«Compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor»	80
SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO	81
«Agindo assim, ensinaste o teu povo que o justo deve ser amigo dos homens» (Sb 12,19)	81
«Arranjai amigos com o dinheiro desonesto, para que, quando este faltar, eles vos recebam nas moradas eternas»: socorrer os pobres»	82
«As tentações depois do Batismo»	83
«Ai vem o noivo!»	85
Sobre o Santo Batismo	83
«Convida os pobres»	86
«Convém que cumpramos assim toda a justiça»	87
«Descemos com Cristo para nos reerguermos com Ele, cheios de luz»	88
«Deus esvazia-Se para que eu possa participar na sua plenitude» (Sb 12,19)	90
«Então o céu rasgou-se»	91
«Imitar a generosidade de Deus»	92
«Já que fostes ressuscitados com Cristo, procurai as coisas do alto» (Col 3,1)	93
«Lázaro, sai para fora!»	94
«O último de todos e o servo de todos»	95
«Onde queres que façamos os preparativos para comer a Páscoa?»	96
«Prestai homenagem à pequena Belém, que vos conduziu ao Céu»	98
«Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa»	99
Título???	100
«Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos»	

«Se não fostes fiéis no que toca ao dinheiro desonesto, quem vos há-de confiar o verdadeiro bem?»	102
«Seguir o Cordeiro de Deus»	103
«Tu, que maravilhosamente criaste o homem e mais maravilhosamente ainda restabeleceste a sua dignidade»... Erro!	
Indicador não definido.	
«Tu, que maravilhosamente criaste o homem, mais maravilhosamente ainda restabeleceste a sua dignidade»	104
«Tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos»	106
«Um pobre [...] jazia junto do seu portão»	107
«Vir à luz»	108



Apresentação geral da coleção

| “A memória dos justos é eterna” (Sl 111,6)

A **Coleção Sophia** reúne textos espirituais e teológicos dos Padres da Igreja e mestres da vida cristã, provenientes de séculos de tradição. Organizada por afinidade histórica e temática, ela busca oferecer ao leitor uma seleção fiel e acessível, que permita saborear a riqueza da fé cristã na sua fonte mais pura.

Cada volume é acompanhado de uma breve introdução contextual, ajudando a situar o leitor na vida e na obra dos autores apresentados.

Volume II – Padres Capadócios

O presente volume reúne textos espirituais e teológicos dos chamados Padres Capadócios, luminares da Igreja no século IV, cuja obra marcou de modo decisivo a doutrina cristã e a vida espiritual. Nascidos na região da Capadócia, na Ásia Menor — atual Turquia —, São Basílio, o Grande; São Gregório de Nazianzo, o Teólogo; e São Gregório de Nissa, formaram um tríptico de santidade, erudição e zelo pastoral.

Num período em que a Igreja, recém-liberta das perseguições, enfrentava as controvérsias teológicas mais complexas, sobretudo a crise ariana e as disputas sobre a formulação do dogma trinitário, estes santos Padres uniram profundidade filosófica e fidelidade à Tradição apostólica. O

seu ensino não se limita à especulação doutrinária: transborda para a catequese, a homilia e a exortação espiritual, sempre voltadas à conversão do coração e à imitação de Cristo.

A riqueza dos seus escritos manifesta-se no equilíbrio entre precisão teológica, beleza literária e sensibilidade pastoral. Nestes textos, o leitor encontrará uma fonte segura para aprofundar a fé, nutrir a oração e orientar a vida cristã segundo a luz da Santa Tradição.

Este volume convida-nos, assim, a percorrer o caminho trilhado pelos Padres Capadócius, mestres que souberam unir contemplação e ação, fidelidade à ortodoxia e abertura ao diálogo com a cultura do seu tempo — e que continuam, hoje, a inspirar todos os que buscam “a medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4,13).



São Basílio o Grande



«Jesus contou uma parábola sobre a necessidade de orar sempre»

Homilia sobre a humildade, 5-6

Não devemos limitar a oração a pedidos expressos em palavras. Deus não precisa que Lhe façamos longos discursos; mesmo que nada peçamos, Ele já sabe do que necessitamos.

O que dizer, então? A oração não se restringe a fórmulas; ela abrange toda a vida. «Quer vocês comam, quer bebam, ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus», ensina o apóstolo Paulo (1Cor 10,31).

Está à mesa? Reze. Ao pegar o pão, agradeça Àquele que o concedeu; ao beber o vinho, recorde-se Daquele que ofereceu esse dom para alegrar o coração e consolar nas tristezas. Ao terminar a refeição, não se esqueça de lembrar o seu Benfeitor.

Ao vestir a túnica, agradeça Àquele que a deu; ao colocar o manto, manifeste seu afeto a Deus, que nos concede roupas adequadas para o inverno e o verão, a fim de proteger a vida.

Ao encerrar o dia, agradeça Àquele que deu o sol para o trabalho e o fogo para iluminar a escuridão e suprir as

necessidades. A própria noite é motivo de ação de graças: ao olhar o céu e contemplar a beleza das estrelas, eleve a prece ao Senhor do universo, que criou todas as coisas com sabedoria. Ao ver a natureza adormecida, adore Aquele que, pelo sono, nos alivia das fadigas e, pelo repouso, nos devolve o vigor.

Assim, você orará sem cessar se não restringir a oração a fórmulas, mas se mantiver unido a Deus em todos os momentos, transformando toda a vida em uma oração incessante.

«A fim de que todo aquele que crê obtenha, por Ele, a vida eterna»

Tratado sobre o Espírito Santo, 14
(trad. Bible chrétienne, A. Sigier 1989, t. 1, p. 227, rev.)*

A figura é uma forma de apresentar, por meio de imagens e analogias, as realidades que esperamos.

Assim, Adão é a prefiguração do Adão que havia de vir (1Cor 15,45). O rochedo no deserto, durante o Êxodo, representa Cristo; e a água que jorrou dele é figura do poder vivificante do Verbo (Ex 17,6; 1Cor 10,4), pois Ele mesmo disse: «Se alguém tem sede, venha a Mim e beba» (Jo 7,37).

O maná é a prefiguração do «pão vivo que desceu do céu» (Jo 6,51). A serpente levantada sobre o poste é figura da Paixão, da nossa salvação consumada na cruz: quem a olhava era salvo (Nm 21,9).

Do mesmo modo, o que as Escrituras narram sobre os israelitas que saíram do Egito foi escrito como prefiguração dos que seriam salvos pelo batismo. Os primogênitos de Israel foram preservados pela graça concedida aos que estavam marcados com o sangue do cordeiro pascal — sangue que prefigurava o sangue de Cristo.

Quanto ao mar e à nuvem (Ex 14), naquele tempo despertavam a fé pela admiração; mas para o futuro, figuravam a graça que estava para vir. «Quem for sábio, compreenda estas coisas!» (Sl 106[107],43).

Compreenderá que o mar, prefigurando o batismo, separou o povo do faraó assim como o batismo nos livra da tirania do demônio. Antigamente, o mar engoliu o inimigo; hoje, é a inimizade que nos separava de Deus que morre. Do mar, o povo saiu são e salvo; das águas do batismo, nós saímos como que revivendo dentre os mortos, salvos pela graça d'Aquele que nos chamou.

A nuvem, por sua vez, era figura do dom do Espírito, que refresca os nossos membros, apagando o ardor das paixões.

«Nós contemplamos a Sua glória, a glória que possui como Filho Unigênito do Pai»

Homilia sobre o nascimento de Cristo — PG 31, 1471s
(trad. Bouchet, Lectionnaire, p. 62, rev.)

«Ao ver a estrela, os magos sentiram uma grande alegria» (Mt 2,10).

Hoje, também nós acolhemos essa grande alegria em nossos corações — a alegria anunciada pelos anjos aos pastores. Adoremos com os magos, glorifiquemos com os pastores, cantemos com os anjos: «Nasceu para nós um Salvador, que é o Messias Senhor; o Senhor Deus que nos apareceu» [...].

Esta festa é de toda a criação: as estrelas percorrem o céu, os magos vêm de terras pagãs, a terra O recebe numa gruta. Nada deixa de participar desta celebração; tudo se aproxima trazendo presentes nas mãos.

Façamos brotar em nós um cântico de alegria [...]; celebremos a salvação do mundo, o dia do novo nascimento da humanidade. Hoje foi revogada a sentença que pesava sobre Adão. Que nunca mais se ouça: «Tu és pó, e ao pó hás de voltar» (Gn 3,19), mas sim: «Unido Àquele que desceu do céu, serás exaltado no céu» [...].

«Um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; o seu poder é eterno» (Is 9,5). [...]

Que abismo de bondade e de amor pelos homens! Una-se você àqueles que, na alegria, recebem o seu Senhor que desceu do céu e adoram o grande Deus presente neste Menino. O poder divino manifesta-se nesse corpo como a luz que atravessa as janelas, resplandecendo aos olhos daqueles que têm o coração puro (Mt 5,8).

Com eles, poderemos, «de rosto descoberto, contemplar como num espelho a glória do Senhor, e ser transformados de glória em glória» (2Cor 3,18), pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e por Seu amor pelos homens.

«Dar fruto»

Homilia 5 sobre o Hexâmeron, 6

O Senhor frequentemente compara a alma humana a uma vinha: «O meu amigo possuía uma vinha numa colina fértil» (Is 5,1); «plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe» (Mt 21,33). É, evidentemente, à alma humana que Jesus chama a sua vinha; foi a ela que cercou com a segurança que proporcionam os seus mandamentos e com a proteção dos seus anjos, pois «o anjo do Senhor assenta os seus arraiais em redor dos que O temem» (Sl 33[34],8).

Além disso, ergueu em nosso redor uma paliçada, estabelecendo na Igreja «primeiro, apóstolos; segundo, profetas; terceiro, doutores» (1Cor 12,28). Pelos exemplos dos santos do passado, Eleva-nos os pensamentos, impedindo-os de cair por terra, onde seriam pisoteados. Deseja que os vínculos da caridade, como os sarmentos de uma vinha, nos unam ao próximo e nos conduzam ao repouso n'Ele. Assim, mantendo continuamente o impulso em direção aos céus, nos elevaremos como vinhas trepadeiras até os cumes mais altos.

O Senhor também nos pede que aceitemos ser podados. A alma é podada quando afasta de si as preocupações do mundo, que sobrecarregam o coração. Quem rejeita o amor carnal e o apego às riquezas, ou considera desprezível e repulsiva a paixão pela miserável vanglória, é, por assim dizer, podado e volta a respirar, livre do peso inútil das preocupações terrenas.

Mas — permanecendo ainda na imagem da parábola — não podemos produzir apenas lenha, isto é, viver de

ostentação ou buscar os louvores exteriores. Devemos dar fruto, reservando as nossas obras para apresentá-las ao verdadeiro Agricultor (Jo 15,1).

«Que farei, já que não tenho onde guardar minha colheita?»

Homilia 6 sobre a riqueza — PG 31, 261ss
(a partir da trad. Luc comentado, DDB 1987, p. 110, rev.)

«Que farei?» — há uma resposta imediata:

«Saciarei as almas famintas; abrirei meus celeiros e convidarei todos os necessitados. [...] Farei ressoar uma palavra generosa: vós, a quem falta o pão, vinde até mim; tomai, conforme vossa necessidade, dos dons concedidos por Deus, que jorram como de uma fonte pública.»

Mas tu, homem rico e insensato, estás longe disso! Por quê? Tomado de ciúmes ao ver outros gozarem de bens, entregas-te a cálculos mesquinhos; não te preocupas em oferecer a cada um o necessário, mas em acumular tudo para ti, privando outros dos benefícios que poderiam receber. [...]

E vós, irmãos, acautelai-vos para não ter o mesmo destino desse homem! A Escritura nos apresenta tal exemplo para que não imitemos sua conduta. Sede como a terra: assim como ela produz frutos não para si, mas para servir, também vós frutificai; não sejais piores do que ela, que nem sequer possui alma.

A terra dá sua colheita não para seu próprio gozo, mas para teu sustento. Assim também todo fruto de benevolência que manifestares, a ti retornará, pois as bênçãos que fazem nascer as boas obras voltam àqueles que as distribuem. Alimentaste o faminto? O que deste permanece contigo e ainda te será acrescentado. Como a semente lançada à terra beneficia o semeador, assim o pão dado ao que tem fome fará voltar para ti, mais tarde, abundantes benefícios. Que o fim da tua lavoura seja para ti o início da semeadura no céu.

«Acumular para si ou ser rico aos olhos de Deus?»

| «Que farei? Vou ampliar meus celeiros!»

Por que as terras desse homem eram tão férteis, se ele usava mal sua riqueza? Para que se manifestasse mais claramente a imensa bondade de Deus, que estende sua graça a todos: «Ele faz nascer o sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos» (Mt 5,45).

Esses eram os benefícios de Deus para com o rico: terra fecunda, clima ameno, colheitas abundantes, bois para o trabalho e tudo quanto assegurava prosperidade. E o que oferecia ele em troca? Mau humor, taciturnidade e egoísmo. Tal era a gratidão que demonstrava ao seu Benfeitor!

Esquecia-se de que todos partilhamos a mesma natureza humana; não reconhecia que devia dar aos pobres o que lhe sobrava; ignorava os mandamentos divinos: «Não negues um benefício a quem dele precisa, se estiver em teu poder concedê-lo» (Prov 3,27), «Não se afastem de ti a bondade e a fidelidade» (Prov 3,3), «Reparte teu pão com o faminto» (Is 58,7). Todos os profetas e sábios proclamavam-lhe esses preceitos, mas ele fazia ouvidos moucos.

Seus celeiros estavam prestes a rachar, pequenos demais para o trigo acumulado, mas seu coração continuava insatisfeito. [...] Não queria desfazer-se de nada, embora já não pudesse armazenar tudo. E assim se inquietava: «Que farei?», repetia sem cessar. Quem não sentiria compaixão de alguém tão obcecado? Sua abundância o tornava infeliz [...]; lamentava-se como se fosse indigente: «Que farei? Como me alimentarei? Como me vestirei?» [...].

Homem, observa atentamente Quem foi que te cumulou de dons. Reflete sobre ti mesmo: Quem és? O que te foi confiado? De quem recebeste esse encargo? Por que foste escolhido? És servo do bom Deus; foste posto como administrador de teus irmãos de serviço. [...]

«Que farei?» — a resposta é simples:

«Saciarei os famintos; convidarei os pobres. [...] Vós todos, a quem falta o pão, vinde e recebei os dons concedidos por Deus, que brotam como de uma fonte abundante.»

«Não acumuleis tesouros na terra»

Homilia sobre a caridade — PG 31, 266–267; 275

Por que te atormentas e te esforças tanto para manter tua riqueza trancada atrás de paredes de cimento e tijolos? «Mais vale um bom nome do que grandes riquezas» (Prov 22,1). Gostas do dinheiro pela consideração que ele te proporciona. Imagina, porém, quão maior seria a tua honra se te chamassem pai e protetor de milhares de crianças, em vez

de guardião de milhares de moedas de ouro escondidas em sacos.

Quer queiras ou não, um dia terás de deixar para trás todo o teu dinheiro; ao contrário, a glória de todo o bem que tiveres feito, essa levarás contigo à presença do Supremo Juiz, enquanto uma multidão se apresentará diante Dele para testemunhar em teu favor, dizendo que os alimentaste, que os amparaste, que foste bondoso para com eles.

Como deverias sentir-te reconhecido, feliz e honrado com a dignidade que te foi dada! Não és tu quem precisa ir bater às portas alheias; são os outros que correm à tua procura. Mas, nesse momento, teu semblante se fecha, tornas-te inacessível, evitas encontrar-te com as pessoas, com medo de ter de ceder um pouco daquilo que guardas com tanto zelo. E respondes sempre: «Não tenho nada; não darei nada, pois sou pobre.»

De fato, és pobre — mas pobre de todo o bem: pobre de amor, pobre de bondade, pobre de confiança em Deus, pobre de esperança eterna.

«Quem é fiel no pouco também é fiel no muito»

Homilia 14, sobre o amor aos pobres, §§ 23-25 — PG
35, 887

Tens de saber de onde te vêm a existência, o sopro de vida, a inteligência e, acima de tudo, o que há de mais precioso: o conhecimento de Deus. De onde te vem a esperança do Reino dos Céus e a de contemplar a glória que

hoje percebes apenas de forma obscura, como num espelho, mas que um dia verás em toda a sua pureza e esplendor (1Cor 13,12)? De onde te vem o fato de seres filho de Deus, herdeiro com Cristo (Rm 8,16-17) e — ousar dizer — de seres, pela graça, participante da própria vida divina? Por meio de quem recebeste tudo isso?

E, falando agora de coisas menores, visíveis: quem te deu a beleza do céu, o curso do sol, o ciclo da lua, as incontáveis estrelas, e a harmonia e ordem que as governam? Quem te deu a chuva, a agricultura, os alimentos, as artes, as leis, a cidade, a vida civilizada, a convivência familiar e as relações com teus semelhantes?

Não foi Aquele que, antes de tudo e como justa retribuição por todos os Seus dons, te pede que ames o próximo? Se Ele, nosso Deus e Senhor, não se envergonha de ser chamado nosso Pai, como poderíamos nós renegar os nossos irmãos?

Não, meus irmãos e amigos, não sejamos administradores infiéis dos bens que nos foram confiados.

«O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens»

*Homilia sobre a humildade, 5-6 — (a partir da trad.
Brésard, 2000 ans B, p. 232 rev.)*

«Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado» (Mt 23,12).

Imitemos o Senhor, que desceu do céu até o mais profundo abaixamento, para depois ser exaltado às alturas que Lhe são próprias. Descubramos, em cada gesto e palavra, o que o Senhor nos ensina para nos conduzir à humildade.

Recém-nascido, eis que está numa gruta, deitado não num berço, mas numa manjedoura. Na casa de um artesão e de uma mãe sem recursos, submete-Se à Sua mãe e ao esposo dela. Deixa-Se ensinar, ouvindo aqueles de quem nada precisava aprender, interrogando-os de tal forma que ficavam maravilhados com a Sua sabedoria. Submete-Se a João, e o Senhor recebe o batismo das mãos de um servo.

Jamais resistiu aos que O atacavam, nem recorreu ao Seu poder invencível para libertar-Se das mãos que O prendiam. Antes, deixou-Se levar como se fosse impotente e, segundo Lhe pareceu conveniente, concedeu poder sobre Si a um poder efêmero. Compareceu diante do sumo sacerdote como acusado; levado ao governador, submeteu-Se ao seu julgamento; e, podendo responder às calúnias, suportou-as em silêncio.

Coberto de escarros por escravos e servos indignos, foi enfim entregue à morte — uma morte infame aos olhos dos homens. Assim se deu toda a Sua vida, desde o nascimento até o fim. Mas, após tal abaixamento, fez resplandecer a Sua glória.

Imitemo-Lo, para que também nós alcancemos a glória eterna.

«Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus»

Homilia sobre a santa concepção de Cristo, 2.6 — (a partir da trad. Delhougne, *Les Pères commentent*, p. 172 rev.)

Deus na terra, Deus entre os homens! Desta vez, Ele não promulga a Sua Lei entre relâmpagos, ao som de trombetas, sobre uma montanha fumegante, no meio da escuridão de uma tempestade aterradora (cf. Ex 19,16ss.), mas Se manifesta, de modo manso e pacífico, num corpo humano, vivendo com os Seus irmãos segundo a carne.

Deus encarnado! [...] Como pode a divindade habitar na carne? Assim como o fogo permanece no ferro sem deixar o lugar onde arde, mas comunicando-lhe o seu poder. O fogo não se lança sobre o ferro, mas, permanecendo em seu lugar, transmite-lhe o seu calor e a sua energia. Ao fazê-lo, não se diminui, mas penetra plenamente o ferro que aquece. Da mesma forma, Deus, o Verbo que “armou a Sua tenda entre nós”, não Se afastou de Si mesmo: “O Verbo Se fez carne” sem sofrer mudança; o céu não foi privado d’Aquele que sustém todas as coisas, e, no entanto, a terra acolheu em seu seio Aquele que permanece nos céus.

Compreende este mistério: Deus está na carne para destruir a morte que nela se escondia. [...] Quando “se manifestou a graça de Deus, portadora de salvação para todos os homens” (Tt 2,11), quando “brilhou o Sol de Justiça” (Ml 3,20), “a morte foi tragada pela vitória” (1Cor 15,54), pois não podia coexistir com a verdadeira Vida. Ó profundidade da

bondade e do amor de Deus pelos homens! Demos glória com os pastores, dancemos com os coros dos anjos, pois “hoje nasceu o Salvador, que é o Messias Senhor” (Lc 2,11-12).

“O Senhor é Deus; Ele nos iluminou” [Sl 118(117),27] — não sob a Sua forma divina, para não amedrontar a nossa fragilidade, mas sob a forma de servo, para conceder liberdade àqueles que estavam sujeitos à escravidão. Quem teria o coração tão insensível e frio a ponto de não exultar de alegria, de não irradiar felicidade diante de tal acontecimento? Esta é uma festa comum a toda a criação. Todos devem participar dela; ninguém se mostre ingrato. Elevemos também nós a voz para cantar o nosso júbilo!

«Deus convida-nos incansavelmente à conversão»

Prólogo às Regras Maiores

Irmãos, não nos deixemos vencer pela indiferença e pelo descuido; não adiemos sempre para amanhã, com levandade, o momento de colocarmos mãos à obra. «Este é o tempo favorável, este é o dia da salvação» (2Cor 6,2), diz o apóstolo Paulo. Agora é o tempo da penitência; mais tarde será o da recompensa. Hoje é o tempo da perseverança; virá o dia da consolação.

Agora, Deus vem em auxílio daqueles que se afastam do mal; mais tarde, será o Juiz dos atos, das palavras e dos pensamentos dos homens. Hoje experimentamos a paciência divina; conheceremos a justiça dos Seus juízos no momento

da ressurreição, quando cada um receberá conforme as obras realizadas.

Até quando adiaremos obedecer a Cristo, que do Seu Reino celeste nos chama? Não desejaremos nós a purificação? Quando nos decidiremos a abandonar o tipo de vida que levamos, para seguirmos o Evangelho até ao extremo? Afirmamos desejar o Reino de Deus, mas não nos preocupamos excessivamente com os meios para o alcançar.

Ora, apesar de não nos dedicarmos minimamente à observância dos mandamentos do Senhor, estamos convencidos, na vaidade do nosso espírito, de que somos dignos de receber a mesma recompensa que recebem aqueles que resistiram ao pecado até à morte. Mas quem é o homem que, tendo-se deitado em sua casa a dormir no tempo da sementeira, pode recolher braços cheios de espigas no tempo da colheita? Quem poderá fazer a vindima sem ter plantado e cultivado a vinha?

Os frutos são para aqueles que trabalharam; as recompensas e as coroas, para aqueles que venceram. Foi jamais coroados atletas algum que não se tenha sequer despido para combater o adversário? E nem sequer basta vencer, é também necessário «lutar segundo as regras» (2Tm 2,5), isto é, segundo os mandamentos que nos foram dados.

Deus é bom, mas também é justo: o Senhor «ama a equidade e a justiça» (Sl 32,5); por isso, «celebrarei o amor e a justiça: para Vós, Senhor, hei-de cantar» (Sl 100,1). Vê com que discernimento usa o Senhor de misericórdia. Não é misericordioso sem examinar, como não julga sem piedade, porque «o Senhor é bondoso e providente, o nosso Deus é

misericordioso» (Sl 114,5). Não tenhamos, pois, uma ideia truncada de Deus; o Seu amor por nós não deve ser um pretexto para sermos negligentes.

«Já só lhe restava um filho muito amado. Enviou-o por último»

Regras monásticas, Regras Maiores, § 2

Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança (Gn 1,26) e julgou-o digno de conhecê-Lo, pois o considerou acima de todos os animais devido ao dom da inteligência. Criou-o no gozo das incomparáveis delícias do Paraíso e fê-lo senhor de tudo o que existe sobre a terra.

No entanto, ao vê-lo — instigado pela serpente — cair no pecado e, pelo pecado, na morte e nos sofrimentos que ela traz, não o rejeitou. Pelo contrário, deu-lhe desde logo o auxílio da Sua Lei, designou anjos para guardá-lo e enviou profetas para lhe reprovar a maldade e ensinar-lhe a virtude.

Quando, apesar de todas essas graças, os homens persistiram na desobediência, Ele não Se afastou. Tendo sido ofendido por nossa indiferença, o Senhor não nos abandonou, mas, pela Sua bondade, nos retirou da morte e nos devolveu à vida por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo. A maneira como fomos salvos é ainda mais admirável: «Ele, que é de condição divina, não considerou como usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo» (Fl 2,6-7). «Ele tomou sobre Si as nossas doenças, carregou as nossas dores, [...] foi ferido [...]» para nos salvar

pelas Suas chagas (Is 53,4-5). Ele «resgatou-nos da maldição da Lei, ao fazer-Se maldição por nós» (Gl 3,13); sofreu a mais infamante morte para nos conduzir à vida da glória.

E não Lhe bastou devolver à vida aqueles que estavam na morte: revestiu-os da dignidade divina e preparou-lhes, no repouso eterno, uma felicidade que ultrapassa toda a imaginação humana.

«Como retribuirei ao Senhor todos os seus benefícios para comigo» (Sl 115,12), como retribuiremos tudo o que Ele nos deu? Ele é tão bom que nada pede em compensação por Suas graças: contenta-Se em ser amado.

«Onde estão os outros nove?»

Regras Monásticas, Regras Maiores, § 2

Depois de termos ofendido o nosso benfeitor mostrando indiferença pelos sinais da sua benevolência, não fomos, contudo, abandonados pela bondade do Senhor nem privados do seu amor; antes, fomos subtraídos à morte e devolvidos à vida por Nosso Senhor Jesus Cristo.

A maneira como fomos salvos é digna de uma admiração ainda maior: «Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo» (Fl 2,6-7).

Ele tomou para Si as nossas fragilidades, carregou as nossas dores, morreu por nós a fim de, com Suas chagas, nos salvar; «resgatou-nos da maldição da Lei, ao fazer-Se

maldição por nós» (Is 53,4-5; Gl 3,13); sofreu a mais infamante das mortes para nos conduzir à vida da glória.

E não Lhe bastou devolver à vida os que estavam na morte: revestiu-os da dignidade divina e preparou-lhes, no repouso eterno, uma felicidade que ultrapassa toda a imaginação humana.

«Deu fruto cem por um»

Homilia 6, sobre as riquezas (PG 31, 262ss)

Tu és o servo do Deus santo, um gestor para benefício dos teus companheiros de serviço. Não penses que todos os bens que possuis se destinam ao teu consumo. Imita a terra, homem: dá frutos como ela; não sejas mais duro que a matéria inanimada. A terra não amadurece os seus frutos para usufruir deles, mas para te ser útil. E és tu que recolhes os frutos da tua generosidade, porque a recompensa pelas boas ações recai sobre aqueles que as praticam: se deste de comer ao faminto, aquilo que deste volta para ti com juros.

Assim como o grão lançado à terra dá frutos para o semeador, também o pão estendido ao faminto te dará, mais tarde, um lucro imenso. Assim, o tempo das colheitas na terra é tempo para semeares no alto: «Fazei sementeiras de justiça» (Os 10,12). Por que te preocupas? Para que essa inquietação e essa pressa em encerrar o teu tesouro dentro da argamassa e dos tijolos? «O bom nome é mais desejável que as muitas riquezas» (Pr 22,1).

«O nascimento do Salvador: morte da morte»

Homilia para o nascimento de Cristo, 2,6; PG 31, 1459

Deus na terra, Deus entre os homens! Já não é Aquele que dá a sua Lei no meio dos relâmpagos, ao som da trombeta, no alto da montanha fumegante, na obscuridade de uma trovoadá aterradora (Ex 19,18), mas Aquele que se relaciona com doçura e bondade, num corpo humano, com os seus irmãos. Deus na nossa carne! Já não é Aquele que age apenas em alguns momentos, como fazia com os profetas, mas Aquele que assume plenamente a natureza humana e que, pela sua carne que é a nossa carne, eleva a Si todos os homens.

Como foi que a luz veio a todos por um só? De que maneira está a divindade na carne? Está como o fogo no ferro [...]: permanecendo no seu lugar, o fogo comunica ao ferro o seu ardor próprio; e, sem ficar diminuído, enche por completo o ferro ao qual se comunica. Da mesma forma, Deus, o Verbo que «habitou entre nós», não saiu de Si mesmo; o Verbo que Se fez carne não Se submeteu à mudança; o Céu não ficou privado daquele que o continha e a terra acolheu Aquele que está no Céu. [...]

Entra plenamente neste mistério: Deus veio à carne para matar a morte que nela se escondia. Assim como os medicamentos nos curam logo que são assimilados pelo corpo, assim como a obscuridade que reina numa casa se dissipa quando a luz lá entra, assim também a morte que nos tinha em seu poder foi anulada pela vinda do nosso Deus. Assim como o gelo formado durante a noite se funde sob o

calor dos raios solares, assim também a morte reinou até à manifestação de Cristo. Mas logo que o Sol de justiça se elevou (Mal 3,20), «a morte foi absorvida pela vitória» (1Cor 15,54), pois não podia suportar a presença da verdadeira vida. [...] Demos glória com os pastores, dancemos em coro com os anjos «pois um Salvador nos nasceu hoje, que é Cristo Senhor» (Lc 2, 11). [...] Festejemos a salvação do mundo, o dia do nascimento de toda a humanidade.

«Ao ouvir estas palavras, [...] retirou-se pesaroso.»

Homília 7, sobre a riqueza; PG 31, 278

O caso do jovem rico e dos seus semelhantes faz-me pensar no de um viajante que, pretendendo visitar uma cidade, ao aproximar-se das suas muralhas, depara com uma estalagem, hospeda-se nela e, desencorajado pelos últimos passos que ainda lhe falta dar, perde o benefício das fadigas da viagem e acaba por não ir visitar as belezas da dita cidade. Assim são os que cumprem os mandamentos mas se revoltam com a ideia de perderem os seus bens. Conheço muitos que jejuam, rezam, fazem penitência e praticam todo o tipo de obras de caridade, mas não dão uma esmola aos pobres. De que lhes servem as outras virtudes?

Eles não entrarão no Reino dos Céus porque «é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus». São palavras claras e o seu Autor não mente, mas raros são aqueles que se deixam tocar por elas. «Como viveremos quando estivermos despojados de

tudo?» exclamam. «Que existência levaremos quando tudo for vendido e já não tivermos propriedades?» Não me perguntem qual é o desígnio profundo que está subjacente aos mandamentos de Deus. Aquele que estabeleceu as nossas leis conhece igualmente a arte de conciliar o impossível com a lei.

«Ser rico aos olhos de Deus»

Homilia 6, sobre as riquezas; PG 31, 261ss

«Que hei de fazer? Onde encontrarei que comer? Que vestir?»

Eis o que diz este rico. O seu coração sofre, a inquietação devora-o, porque aquilo que regozija os outros acabrunha o avaro. O fato de ter os celeiros cheios não é para ele motivo de felicidade. O que atormenta dolorosamente a sua alma é esse excesso de riquezas, transbordando dos seus celeiros. [...]

Considera, homem, quem te cumulou com a sua generosidade. Reflete um pouco sobre ti mesmo: quem és tu? O que te foi confiado? De quem recebeste esse cargo? Porque foste tu escolhido, em detrimento de muitos outros? O Deus de bondade fez de ti seu administrador; és responsável pelos teus companheiros de trabalho: não penses que tudo foi preparado apenas para ti! Dispõe dos bens que possuis como se eles pertencessem aos outros. O prazer que eles te proporcionam dura pouco, em breve te escaparão e desaparecerão, mas ser-te-ão pedidas contas rigorosas. Ora, tu guardas tudo, tens portas e fechaduras bem cerradas; e

embora tenhas tudo muito bem fechado, a ansiedade impede-te de dormir. [...]

«Que hei de fazer?» Havia uma resposta pronta:

«Encherei as almas dos famintos; abrirei os meus celeiros e convidarei todos os que têm necessidade. [...] Farei ouvir uma palavra generosa: vós todos que tendes fome, vinde a mim, tomai a vossa parte dos dons concedidos por Deus, cada qual segundo as suas necessidades.»

«Jesus disse [...] uma parábola sobre a necessidade de orar sempre»

Homília 5

Não podemos limitar a oração a pedidos em palavras. Com efeito, Deus não precisa apenas que Lhe façam discursos; mesmo que nada Lhe peçamos, sabe aquilo de que precisamos. O que dizer? A oração não consiste em fórmulas; antes abarca a vida toda. «Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus», diz o apóstolo Paulo (1Cor 10,31).

Estás à mesa? Reza: ao pegar no pão, agradece Àquele que to concede; ao beber o vinho, lembra-te daquele que te proporcionou este dom, para te alegrar o coração e te consolar das tristezas. Terminada a refeição, não te esqueças de te recordar do teu benfeitor. Quando vestes a túnica, agradece Àquele que ta deu; quando vestes a capa,

testemunha o teu afeto a Deus, que nos proporciona vestes adequadas ao inverno e ao verão, para nos proteger a vida.

Terminado o dia, agradece Àquele que te deu o sol para os trabalhos da jornada e o fogo para te iluminar o escuro e prover às tuas necessidades. A noite dá-te motivos de ação de graças; olhando o céu e contemplando a beleza das estrelas, reza ao Senhor do universo, que fez todas as coisas com tal sabedoria. Quando vês a natureza adormecida, adora Aquele que, por meio do sono, nos reconforta de todas as fadigas e nos devolve, através do repouso, o vigor das forças.

Deste modo, rezarás sem descanso, se a tua oração não se limitar a fórmulas, mas pelo contrário te mantiveres unido a Deus no decurso de toda a tua existência, de maneira a fazeres da vida uma oração incessante.

«Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito»

Homilia sobre o nascimento de Cristo; PG 31, 1471s

«Ao ver a estrela, os magos sentiram uma grande alegria» (Mt 2,10). Também nós acolhemos essa grande alegria nos nossos corações, a mesma alegria que os anjos anunciam aos pastores. Adoremos com os magos, demos glória com os pastores, cantemos com os anjos: «Nasceu-nos um Salvador, que é o Messias Senhor; o Senhor Deus apareceu-nos».

Esta festa é comum a toda a criação: as estrelas correm no céu, os magos chegam de países pagãos, a terra recebe-O numa gruta. Não há nada que não contribua para esta festa,

nada que não chegue lá com as mãos cheias. Façamos nascer em nós um canto de alegria; festejemos a salvação do mundo, o dia do nascimento da humanidade. Hoje foi abolida a condenação que afligia Adão. Que nunca mais se diga: «Tu és pó e em pó te hás de tornar» (Gn 3,19), mas: «Unido Àquele que desceu do Céu, serás exaltado no Céu».

«Nasceu-nos um menino, um filho nos foi dado, eterno é o seu poderio» (Is 9,5). Que abismo de bondade e de amor pelos homens! Une-te, pois, àqueles que, na alegria, recebem o seu Senhor que desce do Céu e adoram o Grande Deus neste Menino. O poder de Deus manifesta-se neste corpo como a luz através das janelas, e resplandece aos olhos dos que têm um coração puro (Mt 5,8). Com eles, poderemos então, «de rosto descoberto, contemplar, como num espelho, a glória do Senhor, e sermos nós próprios transfigurados de glória em glória» (2Cor 3,18), pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo seu amor pelos homens.

«Nada preferir a Cristo»

Grandes Regras Monásticas, questão 8

Nosso Senhor Jesus Cristo disse a todos, por várias vezes e apresentando diversas provas: «Se alguém quiser vir após Mim, que renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e Me siga»; e também: «Aquele de entre vós que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo». Parece, pois, exigir a renúncia mais completa. [...] «Onde estiver o teu tesouro», diz noutra altura, «aí estará o teu coração» (Mt 6,21).

Portanto, se reservamos para nós bens terrenos ou qualquer provisão fugaz, o nosso espírito permanece aí atolado, como que na lama. É então inevitável que a nossa alma seja incapaz de contemplar a Deus e se torne insensível ao desejo dos esplendores do céu e dos bens que nos foram prometidos. Só poderemos obter esses bens se os pedirmos sem cessar, com um desejo ardente, que, de resto, nos tornará leve o esforço para os atingir.

Renunciar a nós mesmos é, pois, soltar os laços que nos prendem a esta vida terrena e passageira, libertar-nos das contingências humanas, a fim de sermos mais capazes de caminhar na via que conduz a Deus. É libertar-nos dos entraves, a fim de possuímos e usarmos bens que são «muito mais preciosos do que o ouro e a prata» (Sl 18,11).

Em suma, renunciar a nós mesmos é transportar o coração humano para a vida no céu, de tal forma que possamos dizer: «A nossa pátria está nos céus» (Fil 3,20). E, sobretudo, é começarmos a tornar-nos semelhantes a Cristo, que Se fez pobre por nós, Ele que era rico (2Cor 8,9). Temos de nos assemelhar a Ele se quisermos viver em conformidade com o Evangelho.

«Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração»

Regras Maiores, Q. 2.

Recebemos de Deus a tendência natural para fazer o que Ele nos manda, de maneira que não podemos insurgir-

nos, como se Ele nos pedisse uma coisa extraordinária, nem orgulhar-nos, como se dêssemos mais do que aquilo que nos é dado. [...] Ao recebermos de Deus o mandamento do amor, possuímos imediatamente, desde a nossa origem, a faculdade natural de amar. Não foi a partir do exterior que fomos por ela enformados; e isto é evidente, porque procuramos naturalmente aquilo que é belo [...]; sem que no-lo ensinem, amamos aqueles que nos são aparentados, pelos laços do sangue ou de uma qualquer aliança; enfim, de boa vontade damos provas de benevolência aos nossos benfeitores.

Ora, haverá coisa mais admirável do que a beleza de Deus? [...] Haverá desejo mais ardente do que a sede provocada por Deus na alma purificada, que exclama com emoção sincera: «Desfaleço de amor» (Ct 2,5)? [...] Esta bondade é invisível aos olhos do corpo, só podendo ser captada pela alma e pela inteligência; sempre que iluminou os santos, deixou neles o aguilhão de um grande desejo, a ponto de eles exclamarem: «Ai de mim, que vivo no exílio» (Sl 119,5), «Quando poderei eu chegar, para contemplar a face de Deus?» (Sl 41,3), «Desejo partir para estar com Cristo» (Fl 1,23) e «A minha alma tem sede do Senhor, do Deus vivo» (Sl 41,3). [...] Assim, pois, os homens aspiram naturalmente ao belo. Mas aquilo que é bom é também supremamente amável; ora, Deus é bom; portanto, se todas as coisas procuram o que é bom, todas as coisas procuram a Deus. [...]

Se o afeto dos filhos pelos pais é um sentimento natural, que se manifesta no instinto dos animais e na disposição dos homens para amarem sua mãe desde tenra idade, não sejamos menos inteligentes do que as crianças, nem mais estúpidos do que os animais: não nos apresentemos

diante de Deus que nos criou como estranhos sem amor. Mesmo que não tivéssemos compreendido, pela sua bondade, quem Ele é, devíamos ainda assim, apenas pelo fato de termos sido criados por Ele, amá-l'O acima de tudo, e permanecer ligados à memória do que Ele é, como as crianças permanecem ligadas à memória de sua mãe.

«Para que todo aquele que acredita tenha nele a vida eterna»

Tratado sobre o Espírito Santo, 14

A imagem é uma forma de mostrar, por analogia, as coisas que esperamos. Assim, Adão é a prefiguração do Adão que havia de vir (cf. 1Cor 15,45); a pedra [no deserto, durante o Êxodo] prefigura Cristo; a água que jorra da pedra é imagem do poder vivificante do Verbo (cf. Ex 17,6; 1Cor 10,4), pois Ele disse: «Se alguém tem sede, venha a Mim e beba» (Jo 7,37); o maná é a prefiguração do «pão vivo que desceu do Céu» (Jo 6,51); e a serpente colocada num poste é figura da Paixão e da nossa salvação consumada na cruz, pois quem olhasse para ela era salvo (cf. Nm 21,9). Do mesmo modo, o que a Escritura narra sobre a saída dos israelitas do Egito foi escrito como prefiguração daqueles que se salvam através do batismo: os primogênitos dos israelitas foram salvos pela graça concedida àqueles que tinham sido marcados com o sangue do cordeiro pascal — sangue que prefigurava o sangue de Cristo.

Nesses tempos, o mar e a nuvem (cf. Ex 14) conduziam à fé pela admiração; mas, em relação ao futuro, prefiguravam a graça que estava para vir. «Aquele que for sábio refletirá em

tudo isto e compreenderá o amor do Senhor» (Sl 107,43). Compreenderá que o mar, prefigurando o batismo, separava os judeus do faraó, tal como o batismo nos faz escapar à tirania do diabo. Outrora, o mar afogou o inimigo; hoje, morre a inimizade que nos separava de Deus. O povo saiu do mar são e salvo; e nós elevamo-nos das águas, como se ressuscitássemos de entre os mortos, salvos pela graça daquele que nos chamou. A nuvem, por sua vez, era a sombra do dom do Espírito, que refresca os nossos membros, apagando a chama das paixões.

«Construir outros celeiros»

Homília 6, sobre as riquezas

«Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?» (cf. Lc 12,20). A conduta deste homem é tanto mais ridícula quanto o castigo eterno será rigoroso. Que projetos abriga no seu espírito alguém que em breve vai partir deste mundo? «Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores».

Eu dir-lhe-ia de bom grado: fazes bem, sim, mas demolindo os celeiros da injustiça e destruindo com as tuas próprias mãos o que construístes de maneira desonesta. Deita por terra as reservas desse trigo que nunca saciou ninguém e arrasa os silos que guardam a tua avareza. Arranca-lhes os tetos, derruba-lhes as paredes e expõe à luz do sol esse trigo cheio de mofo, libertando da sua prisão as riquezas que permaneciam cativas.

«Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores». E, uma vez que tenhas voltado a atafulhá-los, o que farás? Demoli-los-ás para construíres outros ainda maiores? Haverá maior insensatez do que atormentar-se sem fim, construindo obstinadamente para depois demolir? Se quiseres, os teus celeiros podem ser casas para os pobres: acumula tesouros no Céu, pois «a traça e a ferrugem não corroem o que neles for armazenado e os ladrões não arrombam nem furtam» (Mt 6,20).

«O homem tinha ainda alguém para enviar: o seu querido filho; e enviou-o por último»

Regras monásticas, Regras Maiores, § 2

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26) e julgou-o digno de O conhecer, pois estava acima de todos os animais pelo dom da inteligência. Fê-lo habitar nas incomparáveis delícias do Paraíso e tornou-o senhor de tudo o que existe sobre a Terra.

Mas, ao vê-lo cair no pecado — instigado pela serpente — e, pelo pecado, na morte e no sofrimento que a ela conduz, não o rejeitou. Pelo contrário, concedeu-lhe desde logo o auxílio da sua Lei, designou anjos para guardá-lo e enviou profetas para lhe reprovar a maldade e ensinar a virtude.

E quando, apesar destas e de muitas outras graças, os homens persistiram na desobediência, Ele não Se afastou deles. Mesmo tendo ofendido o nosso Benfeitor e mostrado indiferença diante dos sinais da sua proteção, não fomos

abandonados por Sua bondade nem apagados do Seu amor. Fomos subtraídos à morte e devolvidos à vida por Nosso Senhor Jesus Cristo. E a maneira como fomos salvos é ainda mais admirável: «Ele, que é de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas despojou-Se a Si próprio, tomando a condição de servo» (Fl 2,6-7); «tomou sobre Si as nossas doenças, carregou as nossas dores [...] foi ferido [...]» para nos salvar pelas suas chagas (Is 53,4-5). Ele «resgatou-nos da maldição da Lei, ao fazer-Se maldição por nós» (Gl 3,13) e sofreu a mais infamante morte para nos conduzir à vida da glória.

E não Lhe bastou devolver à vida aqueles que estavam mortos; revestiu-os também da dignidade divina e lhes preparou, no repouso eterno, uma felicidade que ultrapassa toda a imaginação humana. «Como hei de retribuir ao Senhor todos os seus benefícios para comigo?» (Sl 115,12). Ele é tão bom que nada pede em compensação por tantas graças: contenta-Se em ser amado.

«Desenvolver em nós o germe do amor»

Regras monásticas, Regras Maiores, § 2

O amor de Deus não se ensina. Ninguém nos ensinou a apreciar a luz, a valorizar a vida acima de tudo, nem a amar aqueles que nos deram à luz ou nos criaram. Da mesma forma — e com ainda mais razão — não é um ensinamento exterior que nos instrui a amar a Deus. Na própria natureza do ser humano existe um germe que contém em si o princípio dessa capacidade de amar.

À escola dos mandamentos de Deus cabe acolher este germe, cultivá-lo com diligência, alimentá-lo cuidadosamente e levá-lo à perfeição pela graça divina. Na medida em que o Espírito Santo nos ajudar, esforçar-nos-emos, com o auxílio de Deus e das vossas orações, por acender a centelha do amor divino que está escondida em vós.

Vivemos santamente na virtude quando usamos leal e adequadamente as faculdades que Deus nos concedeu; pelo contrário, desviando-as do seu fim, somos arrastados para o mal. Eis a definição do vício: o uso abusivo, contrário aos mandamentos do Senhor, das faculdades que nos foram dadas para o bem. E eis, por consequência, a definição da virtude que Deus exige de nós: o uso consciente dessas faculdades, segundo os mandamentos do Senhor.

Assim também é com a caridade: tendo recebido de Deus o mandamento do amor, possuímos desde a nossa origem a faculdade natural de amar.

«Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos»

Homilia sobre a humildade, 5-6

Lembra-te de que «Deus resiste aos soberbos e dá a graça aos humildes» (Jo 4,6). Recorda a palavra do Senhor: «Quem se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado» (Mt 23,12).

Se julgas possuir algum bem, reconhece-o, mas sem esquecer as tuas faltas; não te engrandeças com o bem que

hoje realizaste, nem ignores o mal recente ou passado. Se o presente te serve de motivo de glória, lembra-te do passado, e assim destruirás esse estúpido inchaço do orgulho.

Se vires o teu próximo pecar, não olhes apenas para a falta cometida: considera também o bem que ele faz ou fez. Se examinares o conjunto da vida dele e não te fixares apenas em episódios isolados, descobrirás muitas vezes que é melhor do que tu — pois é assim que Deus julga o homem. Lembremo-nos disso constantemente, para nos preservarmos da soberba, abaixando-nos a fim de sermos elevados.

Imitemos o Senhor, que desceu do Céu até ao aniquilamento total. Mas, depois de tal abaixamento, fez resplandecer a sua glória, glorificando com Ele os que com Ele tinham sido desprezados. Assim eram os primeiros discípulos: pobres e nus, percorreram o universo sem palavras de sabedoria nem séquitos faustosos, mas sós, errantes e sofredores, vagando por terra e por mar, vergastados, apedrejados, perseguidos e, por fim, conduzidos à morte.

Tais são os divinos ensinamentos do nosso Pai. Imitemo-los, para que também nós alcancemos a glória eterna, o perfeito e verdadeiro dom de Cristo.

«Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração»

Grandes Regras, questão 2

Recebemos de Deus a inclinação natural para cumprir os seus mandamentos; por isso, não podemos revoltar-nos,

como se Ele nos exigisse algo extraordinário, nem envaidecer-nos, como se Lhe dêssemos mais do que nos foi concedido. Ao recebermos o mandamento do amor, já possuímos, desde a nossa origem, a capacidade natural de amar. Essa faculdade não nos foi imposta de fora para dentro; é evidente, pois buscamos espontaneamente o que é belo. Sem que nos ensinem, amamos os que nos são próximos, unidos por laços de sangue ou de amizade, e manifestamos de bom grado benevolência para com os nossos benfeitores.

Ora, haverá algo mais admirável do que a beleza de Deus? Haverá desejo mais ardente do que a sede que Ele provoca na alma purificada, que exclama: «Desfaleço de amor» (Ct 2,5)? Essa bondade é invisível aos olhos do corpo, só podendo ser percebida pela alma e pela inteligência. Sempre que iluminou os santos, deixou neles o aguilhão de um grande desejo, a ponto de exclamarem: «Ai de mim, que vivo no exílio» (Sl 119,5); «Quando poderei chegar e ver a face de Deus?» (Sl 41,3); «Desejo partir para estar com Cristo» (Fl 1,23); «A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo» (Sl 41,3). Assim como tudo o que é belo atrai naturalmente o homem, também o que é bom é, por si mesmo, amável — e Deus é o sumo Bem. Portanto, se todas as criaturas procuram o bem, todas procuram a Deus.

Se o afeto dos filhos pelos pais é natural — perceptível até nos instintos dos animais e na disposição das crianças para amarem suas mães desde a mais tenra idade — não sejamos menos inteligentes que as crianças, nem mais insensatos do que os animais. Não nos apresentemos diante de Deus, que nos criou, como estrangeiros sem amor. Mesmo que não O conhecêssemos pela revelação da Sua bondade,

deveríamos, apenas pelo fato de termos sido criados por Ele, amá-Lo acima de tudo e guardar viva a Sua memória, assim como a criança guarda no coração a lembrança da mãe.

São Gregório de Nissa



«Senhor, Tu és a minha alegria»

Sobre Mt 19 (trad. Quéré-Jaulmes, Centurion 1969, p. 210; rev. Tournay)

O matrimônio é bom [...]; tu, que és consagrada a Deus, honra também a mãe de quem nasceste. E tu, que és casada, honra aquela que nasceu de uma mãe sem ter ela mesma se tornado mãe; não é mãe, mas é esposa de Cristo. Que também a mulher casada pertença a Cristo; mas que a virgem consagrada seja toda d'Ele. Que a primeira não se prenda ao mundo, mas que a segunda se liberte completamente dele. [...] «Nem todos compreendem esta linguagem, mas apenas aqueles a quem é dado» — disse Jesus (Mt 19,11).

Compreendeis a profundidade do pensamento de Cristo? [...] Se transferes para Deus todo o ardor de tua alma, sem te deixares oscilar entre o amor que passa e o que permanece, entre o amor visível e o invisível, é porque o próprio Deus te feriu com as setas da escolha; conheces a beleza do teu Esposo e podes cantar este hino: «Senhor, Tu és a minha alegria, o objeto de todos os meus desejos!» (Ct 5,16). Permanecerás inteiramente em Cristo, até contemplates Cristo, teu Esposo. [...] Mas, quando ouves Cristo declarar que «Nem todos compreendem esta linguagem, mas apenas aqueles a quem é dado», pensa que isso é concedido àqueles

que Ele escolheu e cujo coração se abriu para estas coisas. «Portanto, isto não depende de quem quer, nem de quem corre, mas de Deus, que é misericordioso» (Rm 9,16).

«Aqui está quem é maior do que Salomão!»

Homilia sobre o Cântico dos Cânticos (a partir da trad. de Migne 1992, p. 40 rev.)

O texto do Cântico dos Cânticos de Salomão apresenta a alma como uma noiva, preparada para uma união incorpórea, espiritual e sem mancha com Deus. Aquele que «deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2,4) expõe, assim, o caminho mais pleno e feliz para alcançar a salvação: o caminho do amor.

Há quem encontre a salvação pelo temor, evitando o mal por causa da consideração dos castigos que ameaçam na geena. Outros levam uma vida de retidão e virtude porque esperam receber o prêmio reservado aos que viveram piedosamente; estes agem não por amor ao bem, mas pela esperança de recompensa.

Para progredirmos na perfeição, é necessário expulsar da alma o temor, pois é atitude servil estar vinculado ao Mestre apenas por medo. [...] Não amamos com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças (Mc 12,30) um dom que recebemos como recompensa, mas Aquele que é a própria fonte de todos esses bens. Assim deve ser a alma, segundo a palavra de Salomão. [...]

Pensas que falo de Salomão, filho de Betsabé, que no alto da montanha sacrificou mil bois e que, a conselho de sua esposa estrangeira, caiu no pecado? Não. Refiro-me a outro Salomão, também descendente de Davi segundo a carne, cujo nome significa “paz” — pois “Salomão” quer dizer “homem de paz”. Este é o verdadeiro Rei de Israel, o construtor do Templo de Deus, o detentor do conhecimento universal, Aquele cuja sabedoria é incomensurável — mais ainda, Aquele que é, por essência, Sabedoria e Verdade, cujo nome e pensamento são perfeitamente divinos e sublimes.

Ele serviu-Se do Salomão histórico como de um instrumento; é Ele que, por meio da voz de Salomão, nos fala — primeiro nos Provérbios, depois no Eclesiastes, e por fim no Cântico dos Cânticos — apresentando à nossa meditação, com ordem e método, o caminho para avançar rumo à perfeição.

«Logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho»

A Vida de Moisés, II, 231-233, 251-253 (a partir da trad. de SC Iter, pp. 265ss.)

No monte Sinai, Moisés disse ao Senhor: «Mostra-me a tua glória». E Deus respondeu: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (...), mas tu não poderás ver a minha face» (Ex 33,18ss). Este desejo nasce de uma alma tomada de amor pela Beleza essencial, que não se contenta com o que já contemplou, mas é continuamente conduzida pela esperança a buscar algo mais elevado.

Esse pedido ousado, que ultrapassa os limites comuns do desejo, almeja a Beleza que está para além do espelho e do reflexo, para vê-la face a face. A resposta divina satisfaz e, ao mesmo tempo, recusa: a magnanimidade de Deus concede o que é pedido, mas não promete repouso ou saciedade. É justamente isso que constitui a verdadeira visão de Deus: quem ergue os olhos para Ele jamais cessa de desejá-Lo. Por isso Ele diz: «Não poderás ver a minha face».

O mesmo ensinamento é dado pelo Senhor aos discípulos, esclarecendo o sentido desta imagem. Ele diz: «Se alguém quiser vir após mim» (Lc 9,23) — e não: «Se alguém quiser ir à minha frente». Ao que Lhe pergunta sobre a vida eterna, Ele propõe: «Vem e segue-me» (Lc 18,22). Quem segue caminha voltado para as costas daquele que guia. Assim, o ensinamento dado a Moisés sobre como ver a Deus é este: ver a Deus é segui-Lo para onde Ele conduz.

De fato, quem não conhece o caminho não pode viajar com segurança se não seguir o guia. Este vai à frente, mostrando a direção; quem o segue fielmente não se desviará, pois mantém o olhar fixo nas suas costas. Se, porém, tentar caminhar ao lado ou de frente para o guia, seguirá por um rumo diverso do indicado. É por isso que Deus diz: «Não poderás ver a minha face» — ou seja, não olhes de frente para o teu guia —, pois, se o fizeres, seguirás por um caminho oposto.

Assim, é essencial aprender a seguir a Deus. Para quem O segue desta maneira, nenhum obstáculo do mal poderá impedir o seu caminhar.

«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8)

Homilia 6 sobre as Bem-aventuranças; PG 44,1269 (a partir da trad. cf. Bréviaire)

A saúde do corpo é um bem para a vida humana. Contudo, não basta conhecer a definição de saúde; é preciso vivê-la. Do mesmo modo, o Senhor Jesus não nos diz que seremos felizes apenas por conhecer coisas a respeito de Deus, mas sim por possuí-Lo em nós mesmos: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8).

Ele não afirma que Deus se deixa ver por todos que purificaram o olhar da alma... mas diz, de forma mais clara em outra passagem: «O Reino de Deus está dentro de vós» (Lc 17,21). Isso significa que, quem purificou o coração de todas as criaturas e de todo apego desordenado, vê refletida em si a imagem da natureza divina em sua própria beleza.

Em ti existe, de alguma forma, a capacidade de ver a Deus. Aquele que te formou depositou em teu ser uma força imensa: ao criar-te, imprimiu em ti o selo da Sua própria bondade, como se grava uma imagem na cera. O pecado, porém, obscureceu essa marca, encobrindo-a com a sujeira da iniquidade. Mas, se pela vida perfeita removeres essa sujeira, a beleza divina voltará a brilhar em ti. Assim como o ferro polido brilha ao sol quando se lhe tira a ferrugem, também o homem interior — aquilo que o Senhor chama de “coração” — recupera a semelhança com o Modelo divino quando é purificado.

A sensação de contemplar a vastidão do mar é semelhante à que meu espírito experimenta quando, das alturas das palavras sublimes do Senhor — como do cimo de uma falésia —, contemplo o Seu infinito. A minha alma sente vertigem diante destas palavras: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus». Deus se oferece ao olhar dos que têm o coração puro. Mas «ninguém jamais viu a Deus» (Jo 1,18), recorda São João, e São Paulo confirma, falando d'«Aquele a quem nenhum homem viu, nem pode ver» (1Tm 6,16). Deus é como um rochedo abrupto, inacessível à imaginação humana. Moisés também O chamava de “inacessível”, pondo-Lhe na boca as palavras: «O homem não pode contemplar-me e continuar a viver» (Ex 33,20).

Será, então, que a vida eterna — que é a visão de Deus — nos é impossível? Não! O Senhor estimula a nossa esperança e nos deu uma prova em Pedro, tornando firmes as águas sob seus pés quando estava para afundar (Mt 14,30). Assim também, a mão do Verbo se estenderá para nós, submersos nestes abismos, a fim de nos dar firmeza. Então caminharemos com segurança, guiados pela mão do Verbo.

«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus»: promessa que ultrapassa todas as alegrias possíveis. Pois quem vê a Deus, nessa visão possui todos os bens: vida sem fim, incorruptibilidade perpétua, alegria inesgotável, força invencível, delícias eternas, luz verdadeira, palavras doces do Espírito, glória incomparável, satisfação sem fim... enfim, todos os bens. Que essa bem-aventurança seja para nós fonte viva de esperança!

«Pilatos disse: ‘Aqui está o vosso Rei’» (Jo 19,14)

5º Sermão da Santa Páscoa (PG 46, 683; Leccionário,
p. 367 rev.)

Bendito seja Deus! Celebremos o Filho único, Criador dos céus, que, após descer às profundezas do Hades, subiu de novo às alturas celestes, envolvendo toda a terra com os raios de Sua luz. Festejemos o sepultamento do Filho único e a Sua gloriosa Ressurreição, vitória que é júbilo para o mundo inteiro e vida para todos os povos.

Tudo isso nos foi concedido quando o Criador ressurgiu dos mortos, rejeitando a ignomínia e transformando, no esplendor de Sua glória divina, o que é perecível em imperecível. E qual foi a ignomínia rejeitada? Isaías nos dá a resposta: «Sem figura nem beleza, vimo-Lo sem aspecto atraente, desprezado e abandonado pelos homens» (Is 53,2-3).

Ele ficou sem Sua glória quando carregou sobre os ombros a madeira da cruz — troféu de Sua vitória sobre o diabo; quando recebeu na cabeça a coroa de espinhos, Ele que coroa de glória os Seus fiéis; quando foi revestido de púrpura, Ele que reveste de imortalidade os renascidos pela água e pelo Espírito; quando foi pregado à cruz, Ele que é Senhor da vida e da morte.

Mas Aquele que se humilhou até perder a aparência de Sua glória, ressurgiu transfigurado em luz, despertando no mundo o júbilo com Seu corpo glorificado: «O Senhor é Rei, vestido de majestade» (Sl 93,1).

E de que majestade Se revestiu? Da incorruptibilidade, da imortalidade, do chamado dos Apóstolos, da coroa da Igreja. São Paulo confirma: «É necessário que este ser mortal se revista de imortalidade» (1Cor 15,53). O salmista proclama: «O Teu trono, Senhor, está firme desde sempre, e Tu existes desde a eternidade; o Teu reino é para toda a eternidade, e o Teu domínio estende-se por todas as gerações» (Sl 93,2; 145,13). E ainda: «O Senhor é Rei: alegre-se a terra e rejubile a multidão das ilhas!» (Sl 97,1).

A Ele sejam a glória e o poder pelos séculos. Amém!

«Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador»

Sermão sobre o Natal, passim; PG 46, 1128 (a partir da trad. coll. Icthus, vol. 8, pp. 163ss.)

Irmãos, informados deste milagre, vamos — como Moisés diante da sarça ardente — contemplar esta maravilha (cf. Ex 3,3): em Maria, o arbusto em chamas não se consome. A Virgem dá ao mundo a Luz, conservando intacta a sua virgindade.

Corramos, pois, a Belém, cidade da Boa-Nova! Se formos verdadeiros pastores, vigilantes e atentos, ouviremos a voz dos anjos anunciando uma grande alegria: «Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens por Ele amados!» (Lc 2,14). Onde antes havia apenas maldição, campos de batalha e exílio, a paz agora desce, porque «da terra brotará a fidelidade, e do céu olhará a justiça» (Sl 84,12). Este é o fruto que a terra oferece aos homens, como recompensa da boa

vontade que reina entre eles. Deus Se une ao homem para elevar o homem às alturas divinas.

Ao ouvirmos esta novidade, irmãos, partamos para Belém e contemplemos o mistério do presépio: uma criança envolta em faixas repousa numa manjedoura. Virgem após o parto, a Mãe incorruptível abraça o Filho. Com os pastores, repitamos a palavra do salmista: «Como nos contaram, assim nós vimos na cidade do Senhor dos Exércitos» (Sl 47,9).

Mas por que o Senhor procura refúgio numa gruta de Belém? Por que repousa numa manjedoura? Por que Se submete ao recenseamento de Israel? Porque Aquele que traz a libertação ao mundo nasceu sob a condição da nossa mortalidade. Ele vem à gruta para manifestar-Se aos que jaziam nas trevas e na sombra da morte. É colocado numa manjedoura porque é Aquele que faz crescer a erva para o gado (Sl 103,14), e porque é o Pão da Vida que nutre o homem com alimento espiritual, para que viva pelo Espírito.

Haverá festa mais feliz que a de hoje? Cristo, Sol da Justiça (Ml 3,20), ilumina a nossa noite. O que tinha caído levanta-se; o vencido é libertado; o que estava morto retorna à vida. Hoje, cantemos todos em uma só voz sobre toda a terra: «Por um homem, Adão, veio a morte; por este Homem, hoje nos vem a salvação» (cf. Rm 5,17).

«Cria em mim, ó Deus, um coração puro» (Sl 50,12)

Homilias sobre as Bem-aventuranças, nº 6

Não é sem esforço que alcançamos a virtude: quanto suor, quantas provações, quanta luta interior! A Escritura nos recorda muitas vezes: «Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida», enquanto «larga é a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição» (Mt 7,13-14). Contudo, a mesma Palavra de Deus assegura que podemos atingir essa vida superior.

Como, então, purificar o coração? O Sermão da Montanha nos ensina quase a cada versículo. Se lermos atentamente os mandamentos que nele se sucedem, descobriremos a verdadeira arte da purificação interior. «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8). É fácil crer que um coração purificado nos fará experimentar a alegria suprema; mas tal pureza pode parecer tão inalcançável quanto subir aos céus. Onde encontraremos a escada de Jacó (Gn 28,12) ou o carro de fogo que levou Elias ao céu (2Rs 2,11), capazes de elevar nosso coração até a beleza celeste e libertá-lo de todo peso terreno?

Cristo, ao prometer-nos a bem-aventurança, também nos instrui e forma para alcançá-la. Não se trata, certamente, de um caminho sem dificuldades, mas, se compararmos esses desafios à vida da qual nos afastam, veremos que muito mais penoso é o pecado — se não imediatamente, certamente na vida futura.

Infelizes aqueles que, obstinados, mantêm a alma na impureza! A estes só resta contemplar a face do adversário. Pelo contrário, a vida do justo se reveste da efigie divina. Sabemos quais são os sinais que marcam uma vida de pecado e quais os que distinguem a vida de justiça. Diante dessa escolha, somos livres para decidir. Fugamos, portanto, do rosto do inimigo; arranquemos-lhe a máscara odiosa e, revestidos da imagem divina, purifiquemos o coração. Assim, possuiremos a verdadeira alegria, e a luz de Deus brilhará em nós pela pureza que é em Cristo Jesus, nosso Senhor.

«Hoje começa o mistério da Paixão»

Sermão da Natividade de Cristo; PG 46, 1128 ss.

«Ao ouvir tal notícia [do nascimento de Jesus], Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele» (Mt 2,3). Já no início da vida de Cristo, o mistério da Paixão se deixa entrever: estava anunciado na mirra oferecida pelos Magos; e a matança dos inocentes confirma a hostilidade do mundo ao Senhor da vida. Os recém-nascidos foram massacrados sem piedade.

Mas o que significa esse crime tão hediondo? Por que tamanha ousadia? Herodes e seus conselheiros murmuram: “Um estranho sinal apareceu no céu, e garantiu aos Magos que chegara outro Rei.” Entendes, Herodes, o que são esses sinais? Se Jesus é o Senhor dos astros, não estará Ele ao abrigo dos teus ataques? Julgas ter poder de vida e de morte, mas não tens nada a temer de criança tão pequena. E se Deus

permitiu que Ele fosse submetido ao teu poder, por que conspirar contra Aquele que não te ameaça?

Deixemos, porém, o luto e «a queixa amarga de Raquel, que chora seus filhos» (cf. Jr 31,15). Hoje, o Sol de Justiça (cf. Mt 3,20) dissipa as trevas do mal e espalha sua luz sobre toda a criação, assumindo a nossa natureza humana. Nesta festa da Natividade, «as portas da morte são destruídas e as trancas de ferro quebradas» (Sl 107,16); agora, «abrem-se as portas da justiça» (Sl 118,19).

Assim como por um homem, Adão, veio a morte, hoje, por um homem, vem a salvação (cf. Rm 5,18). Depois da árvore do pecado, ergue-se a árvore do bem: a cruz. Por isso, podemos dizer que hoje começa o mistério da Paixão.

«Com os cintos apertados e as lâmpadas acesas»

Sermões sobre o Cântico dos Cânticos, nº 11, I; PG 44,
996

É para que o nosso espírito se liberte de todas as ilusões que o Verbo nos convida a afastar dos olhos da alma o peso deste sono, a fim de que não nos apeguemos ao que é inconsistente e percamos de vista as realidades verdadeiras. Por isso, Ele nos propõe a imagem da vigília, dizendo: «Estejam apertados os vossos cintos e acesas as vossas lâmpadas.» O sentido desses símbolos é claro: quem está cingido pela temperança vive na luz de uma consciência pura, pois a confiança filial ilumina sua vida como uma lâmpada. Iluminada pela verdade, sua alma se desprende do sono da ilusão, pois nenhum pensamento vão a desvia do caminho.

São esses, de fato, os que esperam o Senhor ao regressar das bodas, permanecendo às portas do céu, de olhos atentos, para que o Rei glorioso (Sl 23,7) possa ali passar de novo quando voltar das bodas e entrar na bem-aventurança celeste. Saindo dali «como um esposo do seu leito» (Sl 18,6), uniu a Si, qual virgem, a nossa natureza que se prostituíra aos ídolos, restituindo-lhe a integridade virginal pela regeneração sacramental. As bodas se completaram nesse momento, pois a Igreja foi desposada pelo Verbo e, introduzida na câmara dos mistérios, os anjos aguardavam o regresso do Rei da glória para a bem-aventurança que Lhe é própria.

Assim, o texto nos mostra que nossa vida deve assemelhar-se à dos anjos: assim como eles vivem afastados do vício e da ilusão, prontos para receber a Parusia do Senhor, também nós devemos permanecer vigilantes à porta de nossa morada e dispostos a obedecer quando Ele vier bater à nossa porta.

«Vivamos segundo Deus»

Sermão I sobre o amor dos pobres, PG 46, 463-466

Nós, que por cada palavra da divina Escritura somos convidados a imitar o Senhor, que nos criou por sua benevolência, desviamos tudo para nossa própria utilidade, medindo tudo segundo a nossa vantagem. Apropriamos-nos dos bens para a nossa vida e reservamos o restante para os herdeiros, sem pensar nas pessoas que vivem na miséria e

sem nos preocupar minimamente com os pobres. Oh, corações sem misericórdia!

Há quem veja o seu próximo sem pão e sem meios para obter o alimento indispensável e, em vez de apressar-se a ajudá-lo para tirá-lo da miséria, o observa como se olhasse para uma planta verdejante prestes a secar por falta de água. E, no entanto, tal pessoa possui riqueza imensa e seria capaz de socorrer a muitos com seus bens. Assim como o curso de uma única fonte pode irrigar numerosos campos, também a opulência de uma só casa poderia salvar da miséria um grande número de pobres — a menos que a parcimônia e a avareza do homem o impeçam, como uma rocha que cai no leito de um ribeiro e desvia o seu curso.

Não vivamos unicamente segundo a carne, mas vivamos segundo Deus.

«Frutificar naquele que nos foi dado na plenitude dos tempos»

Terceira homilia sobre o Cântico dos Cânticos

«O meu amado é um cacho de uvas de Chipre entre as vinhas de Engadi» (Ct 1,14). Este cacho divino floresce antes da Paixão e derrama o seu vinho na Paixão. Na videira, o cacho não conserva sempre a mesma forma: primeiro floresce, depois incha e, estando maduro, transforma-se em vinho. A videira, portanto, promete o fruto: ainda não está pronto para oferecer o vinho, mas aguarda a plenitude dos tempos. Contudo, mesmo antes da maturidade, já pode alegrar: antes de ter sabor, encanta o olfato e desperta, pelo aroma, a

esperança de bens futuros. Assim, a promessa da graça que virá já se torna alegria para quem espera com constância. É esta a uva de Chipre, que antecipa o vinho com a sua flor — flor que é a esperança — e que nos dá a garantia da graça futura.

Aquele cuja vontade está em harmonia com a do Senhor, porque nela medita dia e noite, torna-se «como uma árvore plantada junto a um riacho, que dá fruto no tempo certo e cuja folhagem não murcha» (Sl 1,1-3). Assim também, a videira do Esposo, que criou raízes no solo fértil de Engadi — ou seja, no fundo da alma regada e enriquecida pelos ensinamentos divinos — produz um cacho cheio e abundante, no qual pode reconhecer-se o seu jardineiro e o seu enólogo.

Bem-aventurada é esta terra cultivada, cuja flor reflete a beleza do Esposo! Sendo Ele a luz verdadeira, a vida verdadeira e a justiça verdadeira — e também muitas outras virtudes —, se alguém, pelas suas obras, se assemelha ao Esposo, ao contemplar o cacho da própria consciência verá o próprio Esposo, pois refletirá a luz da verdade numa vida luminosa e imaculada. Por isso, a videira fecunda declara: «A minha vinha floresce, os botões se abrem» (cf. Ct 7,13). O Esposo, que é a própria vinha verdadeira, aparece atado ao lenho, e o seu sangue tornou-se bebida de salvação para aqueles que exultam na sua redenção.

«No anoitecer da vida, entrar na luz»

Vida de Santa Macrina, 23-25; SC 178

«Deus eterno, “pertencço-Te desde o ventre materno; desde o seio de minha mãe, Tu és o meu Deus” (Sl 21,11). Tu, a quem a minha alma amou com todas as suas forças, a quem consagrei corpo e alma desde a juventude, coloca junto de mim um anjo luminoso que me conduza pela mão ao lugar do refrigério, onde se encontra a “água do repouso” (Sl 22,2), no seio dos santos patriarcas (Lc 16,22).»

Tu, que enviaste para o paraíso aquele homem crucificado contigo e que confiou na tua misericórdia, lembra-Te também de mim “quando estiveres no teu reino” (Lc 23,42), pois também eu fui crucificada contigo. Que me encontre diante da tua face “sem mancha nem ruga” (Ef 5,27); que a minha alma, ao entrar em tuas mãos, seja acolhida “como o incenso diante da tua face” (Sl 140,2).»

Quando chegou a noite, alguém acendeu uma lamparina por cima. Macrina abriu os olhos e dirigiu o olhar para aquela luz, como quem desejava entoar a oração de ação de graças pela luz. Mas a voz lhe faltou; soltou um profundo suspiro e tudo cessou: a oração e a sua vida.

Luz esplendente da santa glória do Pai celeste, imortal, santo e glorioso Jesus Cristo! Sois digno de ser cantado a toda hora e momento por vozes puras, ó Filho de Deus que nos dás a vida. Tu dissipais as trevas do universo e iluminas o espírito do homem, vencendo a noite com a luz da fé. Luz da Luz sem ocaso, imagem límpida do esplendor divino: céu e terra proclamam a tua glória. Chegada a hora do sol poente,

contemplando a luz do entardecer, cantamos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

«Primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga»

Sermão sobre os Defuntos

A vida presente é um caminho que conduz ao termo da nossa esperança, assim como nos rebentos se vê o fruto em germe que, a partir da flor, chega à sua plenitude — embora a flor não seja ainda o fruto. Do mesmo modo, a seara que nasce da semente não apresenta logo a espiga: primeiro desponta a planta; em seguida, quando esta se desfaz, surge a haste de trigo e, por fim, o fruto maduro no alto da espiga. [...]

O nosso Criador não nos destinou a permanecer num estado embrionário; o objetivo da natureza não é a vida dos recém-nascidos. Tampouco se detém nas fases sucessivas que se renovam com o tempo, nem na dissolução do corpo que sobrevém à morte. Todos esses estados são etapas do caminho pelo qual avançamos. O propósito e o fim dessa caminhada é a conformidade com o Divino; o termo esperado da vida é a bem-aventurança. Hoje, porém, tudo o que concerne ao corpo — a morte, a velhice, a juventude, a infância e a formação do embrião — são estados transitórios, como plantas, hastes e espigas, que compõem o processo e a sucessão que nos conduzem à maturidade esperada.

«Toda a criação [...] tem gemido e sofrido as dores de parto, até ao presente» (Rm 8,22)

Contra Eunômio

O apóstolo Paulo testemunha a respeito do Filho único que Ele não Se limitou a criar os seres, mas que, tendo a antiga criação envelhecido e tornado-se caduca, operou uma nova criação. Assim, o próprio Cristo é o primogênito de toda a criação (Cl 1,15) pelo Evangelho anunciado aos homens. [...]

Como Se tornou Cristo «primogênito de uma multidão de irmãos» (Rm 8,29)? Por nós, Ele fez-Se como nós, participando da carne e do sangue, a fim de nos transformar de corruptíveis em incorruptíveis, pelo nascimento do alto, da água e do Espírito (Jo 3,5). Mostrou-nos o caminho desse novo nascimento quando, pelo Seu próprio batismo, atraiu o Espírito Santo sobre a água, tornando-Se, assim, o primogênito de todos os que são regenerados espiritualmente. E todos os que participam dessa regeneração pela água e pelo Espírito são chamados irmãos.

Tendo depositado na nossa natureza humana a força da ressurreição dentre os mortos, Cristo tornou-Se também as primícias dos que adormeceram e o primogênito dos mortos (Cl 1,18). Primeiro entre todos, abriu-nos o caminho da libertação da morte. Pela Sua Ressurreição, destruiu os laços que nos mantinham cativos. Assim, por esta dupla regeneração – do santo batismo e da ressurreição dos mortos – Ele tornou-Se o primogênito da nova criação.

«Bem-aventurados os pobres em espírito»

Homilias sobre as Bem-aventuranças, I

Se Deus é bem-aventurado, como afirma o apóstolo Paulo (cf. 1Tm 1,11; 6,15), e se o homem participa dessa bem-aventurança pela sua semelhança com Ele, mas não Lhe pode ser igual em tudo, então a bem-aventurança, em sentido absoluto, é inalcançável à condição humana. Contudo, podemos imitá-Lo naquilo que está ao nosso alcance.

A pobreza em espírito designa a humildade. O apóstolo Paulo indica-nos a pobreza de Deus: «Sendo rico, fez-Se pobre por nós, para nos tornar participantes da Sua riqueza» (2Cor 8,9). Tudo o que podemos entrever da natureza divina ultrapassa os limites da nossa condição — exceto a humildade, que partilhamos com os que vivem neste mundo, moldados do barro ao qual regressam (cf. Gn 2,7; 3,19).

Mas não penses que é fácil adquirir a humildade; é mais difícil que alcançar qualquer outra virtude. Por quê? Porque, enquanto o homem dormia depois de semear o trigo, o inimigo veio e semeou o joio do orgulho, que criou raízes em nós (cf. Mt 13,25). E como quase todos têm inclinação natural para a autossuficiência, o Senhor inicia as Bem-aventuranças afastando-nos desse mal e convidando-nos a imitar o verdadeiro Pobre voluntário, que é verdadeiramente feliz, para que, segundo as nossas capacidades, participemos da Sua bem-aventurança e felicidade.

«Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus: Ele, que era de condição divina, não Se

prevaleceu da Sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, assumindo a condição de servo» (Fl 2,5-7).

Haverá algo mais humilde para Deus do que assumir a condição de servo? Haverá algo mais ínfimo para o Rei do universo do que partilhar a nossa natureza humana? O Senhor da criação vem ao mundo numa gruta, refugia-Se num estábulo na companhia de animais, não tem onde reclinar a cabeça, paga impostos a César (Mc 12,17). O puro e imaculado toma sobre Si as manchas da natureza humana e, depois de partilhar toda a nossa miséria, chega ao ponto de experimentar a morte.

Considera a grandeza da Sua pobreza voluntária: a Vida prova o gosto da morte; o Juiz é levado a tribunal; o Rei das potências celestes não Se furta às mãos dos carrascos. É por estes exemplos, diz o apóstolo Paulo, que podemos medir a Sua humildade (Fl 2,5-7).

«Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa»

Sermões sobre o Cântico dos Cânticos, n.º 11, 1

Eis um dos grandes preceitos do Senhor: que Seus discípulos sacudam tudo o que é terreno como se fosse poeira, para se deixarem levar, num grande impulso, para o Céu. Ele nos exorta a vencer o sono, a procurar as realidades do alto (Cl 3,1), a manter o espírito sempre desperto, afastando dos olhos o adormecimento sedutor. Falo desse torpor e dessa sonolência que conduzem o ser humano ao erro e

forjam imagens ilusórias: honra, riqueza, poder, grandeza, prazer, êxito, lucro ou prestígio.

Para esquecermos tais sonhos, o Senhor pede que ultrapassemos esse peso do sono: não deixemos escapar o real na busca frenética do nada. Ele nos chama a velar: «Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas» (Lc 12,35). A luz que arde nos olhos expulsa o sono; o cinto que aperta os rins mantém o corpo em alerta, sinal de um esforço que não tolera torpor.

Quão claro é o sentido desta imagem! Cingir os rins com a temperança é viver à luz de uma consciência pura. A lâmpada acesa da franqueza ilumina o rosto, faz brilhar a verdade, mantém a alma desperta, tornando-a impermeável à falsidade e alheia à futilidade dos nossos pobres sonhos. Vivamos segundo a exigência de Cristo e participaremos da vida dos anjos. De fato, é a eles que Ele nos une neste preceito: «Sede semelhantes aos homens que esperam o seu senhor ao voltar da boda, para lhe abrirem a porta quando ele chegar e bater» (Lc 12,36). Pois eles estão sentados junto às portas do Céu, de olhar vigilante, para que o Rei da glória (Sl 23,7) por ali passe ao regressar das bodas.

«Salvos pela água»

Vida de Moisés, II, 121s; SC 1

Qualquer pessoa que ouça o relato da travessia do mar Vermelho compreende o mistério da água: nela se desce acompanhado de todo o exército inimigo, e dela se emerge sozinho, deixando os inimigos afundados no abismo. Esse

exército dos egípcios representa as diversas paixões da alma às quais o ser humano está sujeito: sentimentos de ira, impulsos desordenados de prazer, de tristeza, de avareza... Todas essas inclinações, juntamente com a causa que lhes dá origem e com o chefe que promove o ataque odioso, precipitam-se na água atrás dos israelitas.

Mas a água, pela força da vara da fé e pelo poder da nuvem luminosa (Ex 14,16.19), torna-se fonte de vida para aqueles que nela buscam refúgio — e fonte de morte para os que os perseguem. No sentido espiritual deste acontecimento, todos os que passam pela água sacramental do batismo devem fazer morrer nela as más inclinações que os combatem: a avareza, os desejos impuros, o espírito de rapina, os sentimentos de vaidade e de orgulho, os impulsos de ira, a inveja, o ciúme.

O mistério é semelhante ao da Páscoa judaica: chamava-se “páscoa” ao cordeiro cujo sangue preservou da morte os que dele participaram (Ex 12,21.23). Nesse mistério, a Lei ordenava comer, com a Páscoa, pães ázimos, sem o velho fermento — isto é, sem que nenhum resquício de pecado se misture à vida nova (1Cor 5,7-8). Assim também, é preciso afundar todo o exército egípcio, isto é, todas as formas de pecado, no banho da salvação, como num abismo do mar, e dele emergir sozinho, sem nada que nos seja estranho.

«O primeiro dia da vida nova»

Homilia para a Santa e Salutar Páscoa

«No dia da felicidade, esquecemos todos os males» (Eclo 11,25). Hoje não apenas foi esquecida, mas anulada a sentença lançada contra nós! Este dia apagou toda a lembrança da nossa condenação. Outrora, o parto ocorria com dor; agora, o nascimento é sem sofrimento. Outrora, éramos apenas carne, nascidos da carne; hoje, o que nasce é espírito, nascido do Espírito. Ontem, éramos simples filhos de homens; hoje, nascemos filhos de Deus. Ontem, estávamos rejeitados dos Céus na terra; hoje, Aquele que reina nos Céus faz de nós cidadãos celestes. Ontem, a morte reinava por causa do pecado; hoje, graças à Vida, é a justiça quem toma o poder.

Outrora, um só homem nos abriu as portas da morte; hoje, um só homem nos trouxe novamente à vida. Ontem, perdemos a vida por causa da morte; hoje, a Vida destruiu a morte. Ontem, a vergonha nos fez esconder debaixo da figueira; hoje, a glória nos atrai para a árvore da vida. Ontem, a desobediência nos expulsou do Paraíso; hoje, a fé nos permite entrar nele. De novo nos é oferecido o fruto da vida, para que o saboreemos livremente. De novo a nascente do Paraíso, cuja água irriga por meio dos quatro rios dos Evangelhos (cf. Gn 2,10), vem refrescar o rosto da Igreja.

Que nos resta fazer, senão imitar, em seus saltos jubilosos, as montanhas e as colinas da profecia: «Montanhas, saltai como carneiros; e vós, colinas, como cordeiros!» (Sl 113,4). Vinde, cantemos de alegria no Senhor! (cf. Sl 94,1). Ele

quebrou o poder do inimigo e ergueu o grande troféu da cruz. Digamos, pois: «Grande é o Senhor, nosso Deus; Ele é o grande Rei em toda a terra!» (cf. Sl 94,3; 46,3). Ele abençoa o ano coroadando-o com os Seus benefícios (cf. Sl 64,12) e nos congrega em coro espiritual, em Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem pertence a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

«Levou-o para uma estalagem e cuidou dele»

Sermões sobre o Cântico dos Cânticos, n.º 14

«Quem é o meu próximo?» Para responder, o Verbo, a Palavra de Deus, expõe, sob a forma de narrativa, a história da misericórdia: conta a descida do homem, a emboscada dos salteadores, o arrancar das vestes imperecíveis, as feridas do pecado, o poder da morte sobre metade da natureza — pois a alma permanece imortal — e a passagem em vão da Lei, já que nem o sacerdote nem o levita cuidaram das chagas do homem atacado, pois «é impossível que o sangue dos touros e dos bodes apague os pecados» (Hb 10,4). Só o podia fazer Aquele que revestiu toda a natureza humana pelas primícias da argila de que foram moldadas todas as raças: judeus, samaritanos, gregos e toda a humanidade. Foi Ele que, com a Sua montada — isto é, o Seu corpo — Se colocou no lugar da miséria do homem: cuidou das suas feridas, fê-lo repousar na Sua própria montada e deu-lhe como abrigo a Sua misericórdia, onde todos os que sofrem e se vergam sob os seus fardos encontram descanso (cf. Mt 11,28).

«Se permanecerdes em Mim, Eu permanecerei em vós» (Jo 6,56). Aquele que encontra abrigo na misericórdia de

Cristo recebe d'Ele duas moedas de prata: uma consiste em amar a Deus com toda a alma, e a outra em amar o próximo como a si mesmo, segundo a resposta do doutor da Lei (cf. Mc 12,30s). Mas, uma vez que «não são os que ouvem a Lei que são justos diante de Deus, mas os que praticam a Lei é que serão justificados» (Rm 2,13), é preciso não apenas receber essas duas moedas, mas também dar a nossa contribuição pessoal — pelas obras — para que se cumpram estes dois mandamentos. Foi por isso que o Senhor disse ao estalajadeiro que tudo o que ele providenciase para cuidar do ferido lhe seria devolvido por ocasião da Sua segunda vinda, conforme o zelo com que o fizesse.

«Prestai atenção ao que ouvis»

O raio de mel

O Livro dos Provérbios convida o discípulo da Sabedoria a inscrever-se na escola da abelha, dizendo aos amantes da Sabedoria: olhai para a abelha, vede como é laboriosa e o respeito que o seu trabalho atrai; reis e súditos usam os seus produtos para conservar a saúde do corpo. E acrescenta que a abelha é procurada e estimada por todos, que é desprovida de força, mas ama a sabedoria, e, por causa disso, é dada como exemplo de vida a quantos procuram a virtude: «Foi respeitada porque amou a Sabedoria» (Pr 6,8 LXX).

Este texto aconselha-nos, portanto, a não esquecermos nenhum ensinamento divino, mas a sobrevoarmos a pradaria das palavras inspiradas, recolhendo

delas o que possa ajudar-nos a adquirir a Sabedoria. Devemos modelar em nós pedaços de cera e depositar no coração, como numa colmeia, o fruto desse trabalho; construir na memória, como alvéolos de cera, cofres onde possamos guardar toda sorte de ensinamentos. À imitação da sábia abelha, cuja cera é doce e cujo ferrão não fere, apliquemo-nos sem descanso à augusta tarefa das virtudes. Pois conquistar, por meio das dores deste mundo, os bens eternos, e aplicar essas mesmas dores para a saúde da alma de reis e súditos, é obra de peso e de amor.

Uma alma assim será procurada pelo Esposo e estimada pelos anjos; realiza a força na fraqueza e ama a Sabedoria. Assim, a industriosa abelha ensina-nos ciência e amor ao trabalho; e a repartição dos divinos carismas espirituais é feita na medida do zelo posto na obra.

«Quem é este homem, que até o vento e o mar Lhe obedecem?»

O inverno passou

«Eis que o inverno passou», diz o Esposo, «e desapareceram as chuvas» (Ct 2,11). O mal tem muitos nomes — inverno, chuva e granizo — conforme a diversidade dos seus efeitos, e cada um destes nomes simboliza uma tentação específica. Chamamo-lo inverno para representar a multiplicidade das formas do mal.

Quando há tempestades, o mar cresce, erguendo-se dos abismos, imitando rochedos e montanhas, elevando-se

acima das águas e precipitando-se contra a terra como seu inimigo. Bate violentamente a costa com sucessivos golpes de suas ondas, como ataques de máquinas de guerra.

O sentido profundo destes males do inverno relaciona-se com a liberdade da nossa vontade. No princípio, a natureza humana florescia; mas o inverno e a desobediência secaram-lhe as raízes. A flor caiu e foi tragada pela terra: o homem foi despojado da sua beleza imortal, e a erva das virtudes secou pelo arrefecimento do amor de Deus, enquanto a iniquidade crescia. Ventos hostis despertaram paixões sem nome e causaram naufrágios funestos nas almas.

Mas quando veio Aquele que traz a primavera à alma — Aquele que, quando um vento mau agita o mar, ameaça o vento e diz ao mar: «Cala-te e está quieto» — logo se restabeleceram a calma e a serenidade, e a nossa natureza voltou a florescer, ornada com as flores que lhe são próprias. As flores da nossa vida são as virtudes, que agora florescem e dão fruto «na estação própria» (Sl 1,3). Foi por isso que o Verbo declarou: «Eis que o inverno passou».

«Comiam e bebiam, compravam e vendiam»

Homilia II sobre o Cântico dos Cânticos

O Senhor recomendou aos discípulos que sacudissem, como pó, tudo o que a sua natureza tem de terreno, para que o espírito se elevasse até às realidades sobrenaturais. Quem se volta para a vida do alto deve ser mais forte que o sono e manter o espírito sempre vigilante.

Refiro-me ao adormecimento dos que vivem mergulhados na mentira da vida, iludidos por sonhos vãos: honras, riquezas, poder, fascínio dos prazeres, ambição, sede de gozo, vaidade e tudo o que a imaginação leva os superficiais a procurar insensatamente. Todas essas coisas esgotam-se com a natureza efêmera do tempo; pertencem ao domínio do parecer: mal surgem, logo desaparecem, como as ondas do mar.

Para libertar o nosso espírito dessas ilusões, o Verbo convida-nos a sacudir dos olhos da alma esse sono profundo, para que não nos afastemos das realidades verdadeiras, ligando-nos ao que não tem consistência. Por isso nos propõe a vigilância: «Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas» (Lc 12,35). A luz, ao brilhar diante dos olhos, expulsa o sono; e os rins cingidos impedem o corpo de sucumbir ao torpor.

Aquele que está cingido com a temperança vive na luz de uma consciência pura; a confiança filial ilumina a sua vida como uma lâmpada. E, se vivermos assim, participaremos já nesta vida da semelhança com os anjos.

«Assim deve brilhar a vossa luz diante dos homens»

A fundação da Igreja

A fundação da Igreja é uma criação do mundo; nela, na expressão do profeta (cf Is 65,17), foi criado um novo Céu — que é «a solidez da fé em Cristo», como diz São Paulo (Cl 2,5) —, foi fundada uma nova Terra, «que bebe a chuva que cai sobre ela» (Hb 6,7), foi modelado outro homem, renovado pelo

nascimento do alto, à imagem do seu Criador; torna-se outra a natureza dos astros, dos quais se diz: «Vós sois a luz do mundo» e «Brilhais como luzes para o mundo» (Fil 2,15), e como astros numerosos que se erguem no firmamento da fé.

Não é de admirar que haja, neste mundo novo, uma multidão de astros contada e nomeada por Deus. E o Criador de tais astros afirma que o nome deles está escrito nos Céus — pois é deste modo que interpreto aquelas palavras do autor desta nova criação: «Os vossos nomes estão escritos nos Céus» (Lc 10,20). A multidão de astros que o Verbo aí criou não é o único paradoxo desta nova criação: há também o número de sóis criados, que iluminam toda a Terra habitada com os raios das suas boas obras, como diz o Autor destes sóis: «Assim deve brilhar a vossa luz diante dos homens» e também: «Os justos brilharão como o Sol» (Mt 13,43).

Assim como o homem que observa o mundo sensível e conhece a sabedoria manifestada pela beleza das suas realidades deduz do que viu a beleza invisível e a fonte desta sabedoria cujo fluxo estabelece a natureza dos seres, assim também aquele que fixa o olhar no mundo novo da criação da Igreja vê neste mundo Aquele que é e Se torna tudo em todos, e conduz o seu conhecimento pelo caminho das realidades finitas e compreensíveis até chegar ao incompreensível.

«Deixo-vos a paz [...]. Não se perturbe nem intimide o vosso coração»

A cova dos leões

Com razão refere o Verbo os leões e os leopardos, a fim de tornar mais doce, por comparação com coisas desagradáveis, o usufruto daquilo que é agradável. [...] Tendo perdido a semelhança com Deus, o homem transformou-se num animal selvagem, à imitação da natureza animal, tornando-se leopardo e leão pela sua vida de pecado. [...]

A vida em paz torna-se mais doce após uma guerra, e deliciosa em comparação com os relatos sombrios. A saúde é um bem mais doce para os sentidos do nosso corpo quando, saindo dos horrores da doença, a nossa natureza se restabelece. E o divino Esposo, para fazer crescer na alma que para Ele ascende a intensidade e a plenitude da alegria que lhe proporciona o bem, não Se contenta em mostrar à esposa a sua beleza, mas recorda-lhe a horrível forma dos animais selvagens, a fim de que ela se delicie ainda mais com as belezas presentes, comparando-as com aquilo com o qual as trocou.

Talvez o Verbo prepare providencialmente outra graça para a sua esposa. Com efeito, Ele quer que nós, embora estejamos por natureza sujeitos à mudança, não deslizemos para o mal em consequência da nossa natureza mutável, mas, por um progresso contínuo no sentido da perfeição, sejamos ajudados por esta disposição para a mudança a ascender aos bens superiores, de maneira que o caráter mutável da nossa natureza nos impossibilite a mudança para o mal. É por isso

que o Verbo, como pedagogo e guardião, para nos afastar do mal, nos recorda os animais selvagens que nos dominaram no passado, a fim de que, afastando-nos do mal, realizemos a nossa estabilidade e a nossa imobilidade no bem e, mudando continuamente para o bem, não mudemos para o mal.

«Jesus respondeu-lhe: [...] ‘Tu, segue-Me’»

De pomba em pomba

«Levanta-te e vem, minha bem-amada, minha bela, minha pomba» (Cant 2,10).

A natureza divina convida a alma humana a participar dela, transcendendo-a sempre pela sua eminência no bem. A alma cresce na sua participação no transcendente e nunca deixa de crescer; mas o bem no qual participa permanece o mesmo, manifestando-se sempre igualmente transcendente à alma que dele participa cada vez mais.

Assim, vemos o Verbo guiar a esposa para os cumes pelo crescimento na virtude, como quem sobe uma escada. Primeiro, envia-lhe um raio de luz pelas janelas dos profetas e pelas treliças dos mandamentos da Lei, ordenando-lhe que se aproxime da luz e se torne bela, tomando nela a forma da pomba. Depois, quando ela já tomou parte nesses bens na medida em que pode contê-los, atrai-a de novo, como se ainda não tivesse participado deles, à participação na beleza transcendente.

Deste modo, à medida que ela progride na direção daquilo que está sempre um passo à sua frente, também o seu

desejo aumenta, e o excesso de bens, manifestos na sua transcendência, leva-a a pensar que se encontra sempre no início da sua ascensão.

É por isso que o Verbo diz de novo: «Levanta-te» (Cant 2,13) àquela que já está de pé; e: «Vem» àquela que já veio. Com efeito, quem assim se levanta nunca mais acabará de se levantar, e quem corre para o Senhor jamais esgotará o amplo espaço da corrida divina. Devemos, pois, levantar-nos continuamente, sem cessar de nos aproximar na nossa corrida; pois cada vez que o Verbo diz: «Levanta-te» e: «Vem», dá-nos força para subirmos um pouco mais.

«Levanta-te! Anda, vem daí...» (Cant 2,10)

Levanta-te! Anda, vem daí...

Não basta levantares-te da tua queda, diz o Esposo; avança e progride no Bem até ao fim do teu caminho na virtude. É isto que nos ensina a história do parálítico: o Verbo não Se contenta em fazê-lo levantar da sua enxerga, mas ordena-lhe que ande (cf Mt 9,5). O movimento da marcha significa, penso eu, a progressão e o crescimento no Bem.

«Levanta-te! Anda, vem daí...»: quanta força existe nesta ordem! A voz de Deus é verdadeiramente poderosa, como diz o salmista: «Faz ouvir a sua voz, que é poderosa» (Sl 67,34) e: «Ele disse e tudo foi feito; Ele ordenou e tudo foi criado» (Sl 32,9). No nosso texto, também Ele diz àquela que está deitada: «Levanta-te! Anda, vem daí...» e, sem demora, a sua palavra torna-se ato. Pois, mal recebe o poder do Verbo, ela testemunha o próprio Verbo que a chama quando diz:

«Levanta-te! Anda, vem daí, minha bela amada! Minha pomba...» (cf Ct 2,13-14).

Assim como o Esposo tinha assumido a aparência da serpente quando ela jazia no chão e nele fixava os olhos, assim também, quando se levanta e volta o rosto para o Bem, voltando as costas ao mal, ela toma a aparência daquilo para o qual se voltou. Volta-se para o arquétipo da beleza; por isso, aproximando-se da luz, torna-se luz. E, na luz, reflete a bela forma da pomba, cuja presença revela o Espírito Santo.

«Jesus respondeu-lhes: ‘Dei-vos o poder de [...] dominar toda a força do inimigo’»

As pequenas raposas

O Verbo disse-lhes: «Os poderes da terra contra os quais o homem luta não passam de pequenas raposas, astutas, mas insignificantes em comparação com o vosso poder. Se as dominardes, a nossa vinha — isto é, a natureza humana — recuperará a sua beleza própria e antecipará a vindima dos cachos com as flores da vida virtuosa. “Agarrai-nos as raposas, essas raposas pequenas que destroem as vinhas; e as nossas vinhas estão em flor”» (Ct 2,15).

Como penetrar na profundidade deste pensamento? Que maravilha de grandeza divina se encerra aqui, que transcendência do poder de Deus nos é revelada neste texto! Que nome dá o Poder verdadeiro e único àquele de quem se fala com expressões tão fortes, ao assassino, ao poderoso em malícia, ao dominador do poder das trevas (cf Ef 6,12), ao que

tem o poder da morte (cf Heb 2,14), àquele cuja natureza temível o Verbo nos descreve, mostrando-o tão grande e tão poderoso, ao chefe das legiões demoníacas? Chama-lhe pequena raposa. E é também assim que designa, com igual desprezo, todo o seu séquito, todo o exército que tem ao seu serviço, incitando os caçadores a caçá-lo.

Podemos dizer que esses caçadores são os santos apóstolos, que Ele enviou a caçar essas feras e a quem disse: «Farei de vós pescadores de homens» (Mt 4,19). De fato, eles não poderiam pescar homens nem apanhar as almas na rede da sua mensagem, se não tivessem primeiramente expulsado essas raposas das suas tocas, ou seja, dos corações onde estavam à espreita, para neles abrir um lugar para o Filho de Deus reclinar a cabeça, quando a raça das raposas deixasse de ter morada nos corações.

«É com razão que te amam» (Ct 1,4)

A ordem da caridade

«É com razão que te amam» (Ct 1,4): recebemos aqui um ensinamento particularmente elevado, a saber, a caridade que devemos ter com Deus e a conduta que devemos ter com os homens. Se é preciso que «tudo aconteça com decoro e com ordem» (1Cor 14,40), quão mais rigorosa deve ser a ordem a este nível.

Conheçamos, pois, a ordem da caridade que a Lei nos ensina, isto é, que devemos amar a Deus e amar os nossos inimigos, para nunca invertermos a ordem do cumprimento da caridade. Temos de amar a Deus com todo o nosso

coração, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças e com toda a nossa sensibilidade, e ao próximo como a nós mesmos; o homem de coração puro deverá amar sua mulher «como Cristo amou a Igreja» (Ef 5,25), e, se estiver sujeito às paixões, como ao teu próprio corpo (cf Ef 5,28), como manda Paulo, que estabeleceu a ordem nesta matéria; e temos de amar os nossos inimigos, sem retribuir o mal com o mal, mas respondendo à injustiça com o bem.

Na realidade, porém, a ordem da caridade está confundida e perturbada na vida da maior parte dos homens; pois amam com toda a sua alma e com todas as suas forças as riquezas, as honras, ou mesmo as mulheres, se as desejam ardentemente, a ponto de serem capazes de dar a vida por elas, mas só amam a Deus na medida em que lhes convém, não têm com o próximo a caridade que se deve aos inimigos e só pensam em agravar o mal que receberam daqueles que os odeiam.

É por isso que a Esposa diz: «É com razão que te amam» (Ct 1,4), para que demos a Deus tudo o que Lhe é devido e encontremos a medida adequada em relação aos outros.

«A lâmpada do teu corpo são os olhos»

Os olhos da pomba

«Como são lindos os teus olhos de pomba», diz o Esposo [do Cântico dos Cânticos] (Ct 1,15).

O louvor que fazemos aos olhos [da Esposa] é dizer que são como de pomba. Eis o que, a meu ver, isso significa.

Quando as pupilas são claras, quem as fixa pode ver nelas a própria face. Com efeito, os especialistas do estudo dos fenómenos da natureza dizem que o olho é impressionado pelas imagens emanadas pelos objetos visíveis e que é assim que se produz a visão. É por isso que louvamos a beleza dos olhos, dizendo que a imagem da pomba aparece na sua pupila: porque recebemos em nós mesmos a imagem daquilo para que voltamos o olhar. Quem não olha para a carne para o sangue, fixa o seu olhar na vida espiritual; como diz o Apóstolo, «vive no Espírito» (Gl 5,25), caminha segundo o Espírito; tornou-se inteiramente espiritual e já não físico ou carnal.

Por isso, a alma liberta das paixões carnis testemunha que possui nos seus olhos a imagem da pomba, ou seja, que a marca da vida espiritual brilha na pupila da sua alma. Visto que tem o seu olhar purificado, tornou-se capaz de receber a imagem da pomba e pode também contemplar a beleza do Esposo. Com efeito, quando a jovem possui olhos de pomba, fixa pela primeira vez a beleza do Esposo: «Ninguém pode dizer "Jesus é o Senhor", senão pelo Espírito Santo» (1Cor 12,3). E ela diz: «Ah! Como é belo o meu amado. Todo ele é delicioso! (cf Ct 5,16) Desde que [te vi] nada mais me parece belo e afastei-me de tudo o que anteriormente contava como belo; nunca mais o meu juízo sobre beleza se perdeu, a ponto de me levar a encontrá-la fora de ti. [...] A tua beleza é extensiva a toda a eternidade da vida e o teu nome é: amor dos homens».

«Compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor»

Homilias sobre o Cântico dos Cânticos

«Onde levas o teu rebanho a pastar» (Ct 1,7), ó bom pastor que o carregas aos ombros (cf Lc 15,5)? Porque toda a raça humana é uma única ovelha que Tu tomaste aos ombros. Mostra-me o lugar da tua pastagem, faz-me conhecer as águas do repouso, leva-me às ervas suculentas, chama-me pelo nome (cf Jo 10,3), para que eu ouça a tua voz, eu que sou tua ovelha, que a tua voz seja para mim a vida eterna.

Sim, diz-mo, «Tu, a quem o meu coração ama» (Ct 1,7). É assim que Te chamo porque o teu nome está acima de todo o nome (cf Fl 2,9), inexprimível e inacessível a toda a criatura dotada de razão. Mas este nome, testemunho dos meus sentimentos por Ti, exprime a tua bondade. Como poderia não Te amar, a Ti, que me amaste [...] a ponto de dares a tua vida pelas ovelhas de quem és o pastor (cf Jo 10,11)? Não é possível imaginar maior amor do que teres dado a vida pela minha salvação (cf Jo 15,13).

Ensina-me, pois, onde levas o teu rebanho a pastar, que eu possa encontrar a pastagem da salvação, saciar-me com o alimento celeste que todo o homem deve comer se quiser entrar na vida, correr para Ti, que és a fonte, e beber a grandes tragos a água divina que fazes brotar para os que têm sede. Essa água corre do teu lado desde que a lança aí abriu uma chaga (cf Jo 19,34), e todo aquele que a prova torna-se uma fonte de água que jorra para a vida eterna (cf Jo 4,14).

São Gregório de Nazianzo



«Agindo assim, ensinaste o teu povo que o justo deve ser amigo dos homens» (Sb 12,19)»

Sobre o amor aos pobres, 4-6; PG 35, 863

O primeiro e o maior dos mandamentos, o fundamento da Lei e dos profetas (cf. Mt 22,40), é o amor, que, no meu parecer, dá a sua maior prova através do amor aos pobres, da ternura e da compaixão pelo próximo. Nada honra tanto a Deus como a misericórdia, pois nada se Lhe assemelha tanto. «A retidão e a justiça são a base do teu trono» (Sl 89,15) e Ele prefere a misericórdia ao juízo (cf. Os 6,6). Nada como a benevolência entre os homens para atrair a benevolência do Amigo dos homens (cf. Sb 1,6); a sua recompensa é justa, Ele pesa e mede a misericórdia.

Temos de abrir o nosso coração a todos os pobres e infelizes, sejam quais forem os seus sofrimentos. É esse o sentido do mandamento que nos pede: «Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram» (Rom 12,15). Sendo nós também homens, não será conveniente sermos benevolentes com os nossos semelhantes?

«Arranjai amigos com o dinheiro desonesto, para que, quando este faltar, eles vos recebam nas moradas eternas»: socorrer os pobres»

Homilia sobre o amor aos pobres

Meus amigos e meus irmãos, não sejamos maus gestores dos bens que nos foram confiados para não ouvirmos dizer: «Envergonhai-vos, vós que guardais o que não vos pertence; imitai a justiça de Deus e não haverá mais pobres.» Não nos esgotemos a juntar e a pôr de reserva enquanto outros estão esgotados de fome; só assim não mereceremos a acusação amarga e a ameaça do profeta Amós: «Cuidado, vós que dizeis: "Quando acabará este mês para podermos vender o nosso trigo? Quando acabará o sábado para podermos vender a nossa farinha?"» (8,5). [...] Imitemos a lei sublime e primordial de Deus «que faz cair a chuva sobre justos e pecadores e também para todos faz nascer o sol» (Mt 5,45). Ele cumula todos os que vivem na Terra de imensas extensões de pastos, de nascentes, de rios e de florestas; aos pássaros dá os ares e a água a todos os animais aquáticos. Para a vida de todos, dá em abundância os recursos naturais, que não podem ser nem agarrados pelos fortes, medidos pelas leis ou delimitados pelas fronteiras; mas dá-os a todos, de modo que nada falte a ninguém. Assim, pela partilha igual dos seus dons, Ele honra a igualdade natural de todos e mostra toda a generosidade da sua bondade. [...] Imita, pois, esta misericórdia divina.

«Sobre o Santo Batismo»

Discurso 40, 46; PG 36, (a partir da trad. Delhougne,
Les Pères commentent, p. 154)

Imediatamente após o teu batismo, ficarás de pé diante do grande santuário para significar a glória do mundo que está para vir. O canto dos salmos que te acolherá é o prelúdio dos louvores celestes. As candeias que acenderás prefiguram esse cortejo de luzes que conduzirá ao noivo as nossas almas resplandcentes e virgens, munidas da candeia acesa da fé.

Tenhamos o cuidado de não nos abandonarmos ao sono, por descuido, não vá Aquele que esperamos surgir de improviso sem que O tenhamos visto chegar. Não nos deixemos ficar sem provisões de azeite e de boas obras, não aconteça que sejamos excluídos da sala das núpcias. [...] O esposo entrará com grande pressa, e as almas prudentes entrarão com Ele. As outras, atarefadas a preparar as suas candeias, não terão tempo para entrar e ficarão de fora, no meio das lamentações. Só quando já for demasiado tarde se darão conta do que perderam devido ao seu descuido. [...]

Elas assemelham-se àqueles convidados para as núpcias que um nobre pai celebra em honra de um jovem nobre, e que se recusam a tomar parte nelas: um, porque acabava de se casar; outro, porque tinha comprado um campo; um terceiro, porque adquirira uma parelha de bois (Lc 14,18s). [...] Porque não há lugar no Céu para o orgulhoso e o descuidado, para o homem que não se vestiu convenientemente, que não usa o traje de núpcias (Mt 22,11), ainda que na Terra fosse considerado digno do esplendor

celeste, e se tivesse introduzido furtivamente no grupo dos fiéis, alimentando falsas esperanças.

Que acontecerá em seguida? O Esposo sabe o que nos ensinará quando estivermos no Céu, e sabe que relações estabelecerá com as almas que aí tenham entrado com Ele. Creio que viverá em sua companhia e lhes ensinará os mistérios mais perfeitos e mais puros.

«As tentações depois do Batismo»

Sermão XL, 10

Se, depois o batismo, fores atacado pelo perseguidor, o tentador da luz, tens material para a vitória. Ele irá certamente atacar-te, já que também atacou o Verbo, o meu Deus, enganado pela aparência humana que lhe escondia a luz incriada. Não tenhas medo do combate. Opõe-lhe a água do batismo, opõe-lhe o Espírito Santo, no qual se extinguem os dardos inflamados lançados pelo maligno. [...]

Se ele te mostrar as necessidades que te oprimem – e não deixou de o fazer com Jesus –, se te lembrar que tens fome, não dêes a entender que ignoras as suas propostas. Mas ensina-lhe o que ele não sabe; opõe-lhe a Palavra da vida, o verdadeiro Pão enviado do Céu, que dá a vida ao mundo.

Se ele te estender a armadilha da vaidade – e usou-a contra Cristo, quando O levou ao pináculo do Templo e Lhe disse: «Atira-Te daqui abaixo», para O fazer manifestar a sua divindade –, toma cuidado para não caíres por teres querido elevar-te. [...]

Se te tentar pela ambição, mostrando-te, numa visão instantânea, todos os reinos da terra submetidos ao seu poder, e exigindo-te que o adores, despreza-o: ele não passa de um pobre irmão teu. E diz-lhe, confiando no selo divino: «Também eu sou imagem de Deus; e não fui, como tu, precipitado do alto da minha glória por causa do meu orgulho! Estou revestido de Cristo; tornei-me outro Cristo pelo batismo; cabe-te a ti adorares-me». Tenho a certeza de que ele se irá embora, vencido e humilhado por estas palavras. Vindas de um homem iluminado por Cristo, serão sentidas por ele como se emanadas do próprio Cristo, luz suprema. Estes são os benefícios que a água do batismo traz aos que reconhecem a sua força.

«Aí vem o noivo!»

Sobre o Santo Batismo, Discurso 40, 46; PG 36, 425

Imediatamente após o teu batismo, ficarás de pé diante do grande santuário para significar a glória do mundo que está para vir. O canto dos salmos que te acolherá é o prelúdio dos louvores celestes. As candeias que acenderás prefiguram esse cortejo de luzes que conduzirá ao noivo as nossas almas resplandecentes e virgens, munidas das candeias brilhantes da fé.

Tenhamos o cuidado de não nos abandonarmos ao sono, por descuido, não vá Aquele que esperamos surgir de improviso sem que O tenhamos visto chegar. Não nos deixemos ficar sem provisões de azeite e de boas obras, não aconteça que sejamos excluídos da sala de núpcias. [...] O

noivo entrará com grande pressa. As almas prudentes entrarão com Ele. As outras, atarefadas a preparar as suas candeias, não disporão de tempo para entrar e serão deixadas de fora, no meio das lamentações. Só demasiado tarde se darão conta do que perderam devido ao seu descuido. [...]

Elas assemelhar-se-ão também àqueles convidados para as núpcias que um nobre pai celebra em honra de um noivo nobre e que se recusam a tomar parte nelas: um, porque acabava de se casar; outro porque acabava de comprar um campo; um terceiro porque adquirira uma parelha de bois (Lc 14, 18ss.). [...] Porque não há lugar no céu para o orgulhoso e o descuidado, para o homem sem vestes convenientes, que não usa o traje de núpcias (Mt 22, 11), ainda que na terra ele fosse considerado digno do esplendor celeste, e se tivesse introduzido furtivamente no grupo dos fiéis, alimentado de falsas esperanças.

Que acontecerá em seguida? O Noivo sabe o que nos ensinará quando estivermos no céu e sabe que relações estabelecerá com as almas que aí tenham entrado com Ele. Creio que viverá em sua companhia e lhes ensinará os mistérios mais perfeitos e mais puros.

«Convida os pobres»

Sermão sobre o amor dos pobres

Deus, comovido pela grande aflição do homem, deu-lhe a Lei e os profetas, depois de lhe ter dado a lei não escrita da natureza (cf. Rm 1,26) [...]; por fim entregou-Se a Si próprio para a vida do mundo. Deu-nos prodigamente os apóstolos,

os evangelistas, os doutores, os pastores, as curas, os prodígios. Trouxe-nos à vida, destruiu a morte, triunfou sobre aquele que nos tinha vencido, deu-nos a Aliança prefigurativa, a Aliança verdadeira, os carismas do Espírito Santo, o mistério da nova salvação. [...]

Deus enche-nos de bens espirituais, se quisermos recebê-los, e não hesita em vir em auxílio dos necessitados. Tu dá sobretudo àquele que te pedir, até antes que ele te peça, dando sem cessar a esmola da doutrina espiritual. [...] Se não tiveres esses dons, propõe-lhe pelo menos serviços mais modestos: dá-lhe de comer, oferece-lhe roupa que já não uses, fornece-lhe medicamentos, liga-lhe as chagas, pergunta-lhe pelas suas provações, ensina-lhe a paciência. Aproxima-te dele sem medo. Não há perigo de ficares mal ou de contraíres a sua doença. [...] Apoia-te na fé; que a caridade triunfe sobre as tuas reticências. [...] Não desprezes os teus irmãos, não fiques surdo aos seus apelos, não fujas deles. Sois membros de um mesmo corpo (cf. 1Cor 12,12s), mesmo que ele tenha sido atingido pela desgraça; tal como Deus, não esqueças o clamor dos infelizes (Sl 9,13).

«Convém que cumpramos assim toda a justiça»

Sermão 39, para a Festa das Luzes; PG 36, 359

João está a batizar e Jesus vem até ele: vem santificar aquele que vai batizá-Lo. Vem afogar nas águas por completo o velho Adão e, antes de o fazer e para o fazer, santifica as águas do Jordão. Ele, que é espírito e carne, quer completar o homem pela água e pelo Espírito (Jo 3,4).

O Batista recusa e Jesus insiste. «Eu é que tenho necessidade de ser batizado por Ti», diz a lâmpada ao Sol, o amigo ao Esposo, o maior dos filhos de mulher ao Primogênito de toda a criação (Jo 5,35; 3,29; Mt 11,11; Col 1,15). Diz o que dera um salto no ventre de sua mãe a Este que fora adorado no ventre de sua mãe, diz o precursor Àquele que acaba de Se manifestar e que Se manifestará no fim dos tempos: «Eu é que tenho necessidade de ser batizado por Ti»; sabia, com efeito, que receberia o batismo do martírio [...].

Jesus levanta-Se das águas, arrastando nessa elevação todo o universo. Vê os céus rasgarem-se, esses céus que outrora Adão fechara para si mesmo e para a sua descendência, esse paraíso que estava como que aferrolhado por uma espada flamejante (Gn 3,24). O Espírito testemunha a divindade de Cristo; vem unir-Se ao seu igual. E uma voz desce do céu, porque é do céu que vem Aquele de quem dá testemunho. E uma pomba torna-se visível aos olhos da carne, para honrar a nossa carne que se torna divina.

«Descemos com Cristo para nos reerguermos com Ele, cheios de luz»

Sermão 39, 14-16,20 ; PG 36, col. 350-354

Não posso conter a minha alegria, o meu espírito exulta e salta de gozo. Quase me sinto movido pelo mesmo ardor de João a anunciar a boa nova. É verdade que não sou o Precursor, mas venho do deserto como ele. Cristo foi iluminado, resplandecemos com Ele. Cristo foi batizado,

desçamos com Ele para com Ele podermos voltar a erguer-nos.

João batiza e Jesus avança, para santificar o Batista. Ele vem mergulhar o velho Adão por completo nas águas e, antes disso - e para isso -, santificar as águas do Jordão. O Batista recusa e Jesus insiste. A lamparina diz ao Céu, a voz diz ao Verbo, o amigo diz ao Esposo: «Eu é que preciso de ser batizado por Ti»; e Jesus responde: «Deixa por agora; convém que assim cumpramos toda a justiça».

Jesus entra nas águas levando o mundo consigo, e elevando-o quando sai, e vê o Céu aberto, esse Céu que Adão tinha fechado para si e para os seus, esse paraíso que estava como que selado por uma espada de fogo. E o Espírito dá testemunho da sua divindade, ocorrendo ao seu semelhante, ao mesmo tempo que uma voz desce do Céu, pois foi do Céu que veio Aquele a quem está a ser prestada homenagem.

Hoje, celebrando o batismo do Senhor com grande alegria, purifiquemo-nos. Não há coisa mais agradável a Deus que a salvação dos homens e a sua conversão, que é o ponto alto dos ensinamentos e dos mistérios. Assim será se fordes uma luz no mundo, uma força vital para todos os homens, e pequenas luzinhas em volta de Cristo, que é a grande Luz, refletindo na vossa face o seu esplendor celeste.

«Deus esvazia-Se para que eu possa participar na sua plenitude» (Sb 12,19)

Discurso 45 para a Santa Páscoa, 7-9 : PG 36, 631-635

O próprio Verbo de Deus, que é mais antigo que todos os séculos, o invisível, o incompreensível, o incorpóreo, o princípio nascido do princípio, a luz nascida da luz, a fonte da vida e da imortalidade, a marca do modelo divino, o selo imutável, a imagem perfeita e a palavra definitiva do Pai avança para a sua própria imagem, reveste-se de carne para salvar a carne, junta-Se a uma alma pensante por causa da minha alma, a fim de purificar o semelhante pelo semelhante, e assume tudo o que é humano, à exceção do pecado. Concebido da Virgem que havia sido purificada pelo Espírito no corpo e na alma, é verdadeiramente Deus, que assume o homem a ponto de formar um único ser a partir destes dois opostos, a carne e o espírito, um dos quais diviniza enquanto o outro é divino.

União espantosa e troca paradoxal! Aquele que é torna-Se. O incriado deixa-Se criar. Aquele que nada pode conter está contido numa alma pensante, que se encontra entre a divindade e a espessura da carne. Aquele que dá riqueza torna-Se mendigo, mendiga a minha carne para me enriquecer com a sua divindade. Aquele que é a plenitude esvazia-Se por momentos da sua glória para que eu possa partilhar da sua plenitude.

«Então o céu rasgou-se»

Homilia 39, para a festa das Luzes; PG 36, 349, (a partir da trad. bréviaire)

Cristo é iluminado pelo batismo, resplandecemos com Ele; Ele é mergulhado na água, desçamos com Ele para emergir com Ele. [...] João está a batizar e Jesus aproxima-Se: talvez para santificar aquele que O vai batizar; certamente para sepultar o velho Adão no fundo da água. Mas, antes disso e com vista a isso, Ele santifica o Jordão. E, como Ele é espírito e carne, quer poder iniciar pela água e pelo Espírito. [...] Eis Jesus que emerge da água. Com efeito, Ele carrega o mundo; fá-lo subir consigo. «Ele vê os céus rasgarem-se e abrirem-se» (Mc 1,10), ao passo que Adão os tinha fechado, para si e para a sua descendência, quando foi expulso do paraíso que a espada de fogo defendia.

Então o Espírito revela a Sua divindade, pois dirige-Se para Aquele que tem a mesma natureza. Uma voz desce do céu para dar testemunho Daquele que do céu vinha; e, sob a aparência de uma pomba, honra o corpo, pois Deus, ao mostrar-Se sob uma aparência corpórea, diviniza igualmente o corpo. Foi assim que, muitos séculos antes, uma pomba veio anunciar a boa nova do fim do Dilúvio (Gn 8,11). [...]

Quanto a nós, honremos hoje o batismo de Cristo e celebremos esta festa de um modo irrepreensível. [...] Sede inteiramente purificados e purificai-vos sempre. Pois nada dá tanta alegria a Deus como a recuperação e a salvação do homem: é para isso que tendem todas estas palavras e todo este mistério. Sede «como fontes de luz no mundo» (Fil 2,15),

uma força vital para os outros homens. Como luzes perfeitas secundando a grande Luz, iniciai-vos na vida de luz que está no céu; sede iluminados com mais claridade e brilho pela Santíssima Trindade.

«Imitar a generosidade de Deus»

Sobre o amor aos pobres, 27-28

Não há nada em que o homem seja tão parecido com Deus como na capacidade de fazer o bem; e, mesmo tendo nós essa capacidade numa medida completamente diferente da de Deus, façamos pelo menos tudo o que pudermos. Deus criou o homem e reergueu-o depois da queda. Não desprezes, pois, aquele que caiu na miséria. Comovido pelo enorme sofrimento do homem, deu-lhe a Lei e os profetas, depois de lhe ter dado a lei não escrita da natureza. Teve o cuidado de nos conduzir, de nos aconselhar, de nos corrigir. Finalmente, deu-Se a Si mesmo em resgate pela vida do mundo. [...]

Quando navegas de vento em popa, estende a mão aos que naufragam. Quando tens saúde e vives na abundância, socorre os infelizes. Não esperes aprender à tua custa o mal que é o egoísmo e como é bom abrir o coração àqueles que têm necessidade. Presta atenção, porque a mão de Deus corrige os presunçosos que se esquecem dos pobres. Aprende com os males dos outros e prodigaliza ao indigente o auxílio que estiver ao teu alcance, por pequeno que seja. Para ele, a quem tudo falta, será alguma coisa.

Como o será para Deus, se tiveres feito tudo o que podes. Que a tua disponibilidade para dar aumente a

insignificância do dom. E, se nada tens, oferece-lhe as tuas lágrimas. A piedade que brota do coração é um grande conforto para o infeliz, e a compaixão sincera adoça a amargura do sofrimento.

«Já que fostes ressuscitados com Cristo, procurai as coisas do alto» (Col 3,1)»

Homilia para a festa da Páscoa

Cristo ressuscitou dos mortos: levantai-vos também vós. [...] Dia de ressurreição, feliz início do mundo novo! Celebremos esta festa com alegria: demos uns aos outros o beijo da paz! Ontem, foi imolado o cordeiro [...], o Egito chorou os seus primogênitos [...], mas fomos protegidos por um sangue precioso. Hoje, fugimos definitivamente do Egito e do faraó, seu tirano cruel. [...] Fomos libertados da servidão e já ninguém pode impedir-nos de celebrar, em honra do nosso Deus, a festa do nosso êxodo, de celebrar a nossa Páscoa na pureza e na verdade (cf. Ex 5,2; 1Cor 5,8). [...]

Ontem, fui crucificado com Cristo; hoje, sou glorificado com Ele. Ontem, morri com Ele; hoje, volto com Ele à vida. Ontem, fui sepultado com Cristo; hoje, ressuscito com Ele. [...] Levemos pois as nossas oferendas Àquele que sofreu e ressuscitou por nós [...]. Ofereçamo-nos a nós mesmos, pois este é o presente mais precioso aos olhos de Deus, o mais próximo dele. Ofereçamos à imagem de Deus que está em nós o brilho que convém a esta imagem: reconheçamos a nossa grandeza; honremos o nosso modelo; compreendamos a força deste mistério e as razões da morte

de Cristo. Tornemo-nos semelhantes a Cristo, uma vez que Ele Se tornou semelhante a nós; tornemo-nos Deus por Ele, uma vez que Ele Se fez homem por nossa causa.

Ele ficou com o pior para nos dar o melhor; fez-Se pobre para nos enriquecer pela sua pobreza (2Cor 8,9); assumiu a condição de escravo para nos obter a liberdade; humilhou-Se para nos exaltar; quis sofrer a prova para nos dar a vitória; foi desprezado para nos cobrir de glória; morreu para nos salvar; subiu ao Céu para atrair a Ele os que jaziam no pecado. Demos tudo, ofereçamos tudo o que somos Àquele que Se deu como resgate por nós. Conscientes do mistério da Páscoa, não Lhe daremos nada tão grande como nós próprios, tornando-nos para Cristo tudo o que Ele Se tornou para nós.

«Lázaro, sai para fora!»

Sermão sobre o Santo Batismo

Deitado no túmulo, ouviste este chamamento imperioso. Haverá voz mais sonora do que a do Verbo? Então, vieste para fora, tu que estavas morto, e não apenas há quatro dias, mas há muito tempo. Ressuscitaste com Cristo [...]; caíram-te as ligaduras. Agora, não voltes a cair na morte; não voltes a juntar-te aos que habitavam nos túmulos; não te deixes abafar pelas ligaduras dos teus pecados. É que talvez não pudesses voltar a ressuscitar. Poderias acaso retirar da morte deste mundo a ressurreição de todos, no final dos tempos? [...]

Que o chamamento do Senhor te ressoe, pois, aos ouvidos! Não te feches aos ensinamentos e aos conselhos do

Senhor. Se estavas cego e mergulhado em trevas no túmulo, abre os olhos para não te afundares no sono da morte. Na luz do Senhor, contempla a luz; no Espírito de Deus, fixa o teu olhar no Filho. Se acolheres a Palavra, concentrarás na tua alma todo o poder de Cristo, que cura e ressuscita. [...] Não receies sofrer para conservares a pureza do teu batismo e abre no coração os caminhos que te fazem ascender ao Senhor. Conserva cuidadosamente o acto de libertação que recebeste por pura graça. [...]

Sejamos luz, como os discípulos aprenderam a sê-lo Daquele que é a grande Luz: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 14). Sejamos luminárias no mundo, erguendo bem alto a Palavra da vida, sendo poder de vida para os outros. Partamos em busca de Deus, em busca Daquele que é a primeira e a mais pura das luzes.

«O último de todos e o servo de todos»

Homilia para a Páscoa; PG 36, 624

Responde àqueles a quem os estigmas da Paixão no corpo de Cristo mergulham na incerteza, e que colocam esta pergunta: «Quem é esse rei glorioso?» (cf. Sl 24,8) Responde-lhes que é Cristo, «forte e poderoso» (ibid) em tudo o que fez e continua a fazer. [...]

De fato, achas pouco que Ele Se tenha feito humilde por tua causa? Acha-l'O desprezível pelo facto de, sendo Bom Pastor, ter oferecido a vida pelo seu rebanho, ter vindo procurar a ovelha perdida e, tendo-a encontrado, a ter levado aos ombros, esses ombros que levaram a cruz por ela, e,

tendo-a conduzido à vida do alto, a ter colocado entre as ovelhas fiéis que tinham ficado no redil? (cf. Jo 10,11; Lc 15,4) Despreza-l'O por ter acendido uma lâmpada, a sua própria carne, e ter varrido a sua casa, purificando o mundo do pecado, para procurar a dracma perdida, perdendo a beleza da sua efígie real por causa da sua Paixão? (Lc 15,8s; Mc 12,16) [...]

Considera-l'O menos por Se ter cingido com uma toalha para lavar os pés aos discípulos, mostrando-lhes que o modo mais seguro de se elevarem é humilhando-se? (Jo 13,4s) Causas um desgosto a Deus por Cristo Se humilhar, inclinando a sua alma para a terra, para elevar com Ele os que estão vergados sob o peso do pecado? (Mt 11,28) Censuras-Lhe ter comido com os publicanos e com os pecadores [...] para sua salvação? (Mt 9,10) Como podes pôr em causa um médico que Se debruça sobre os sofrimentos e as feridas dos doentes para os curar?

«Onde queres que façamos os preparativos para comer a Páscoa?»

Sermão 45, 23-24

Vamos participar na festa da Páscoa. Voltaremos a fazê-lo de maneira simbólica, mas já de maneira mais clara do que sob a antiga Lei, porque essa Páscoa era, se assim ousar exprimir-me, uma imagem obscura do próprio símbolo. [...]

Participemos nesta festa ritual de maneira evangélica, e não literária, de maneira perfeita, e não inacabada, em

atitude de eternidade, e não de instante. Não tomemos como capital a Jerusalém terrena, mas a cidade celeste, não a que é hoje esmagada aos pés pelos exércitos, mas a que é glorificada pelos anjos. Não sacrifiquemos os jovens touros e os novilhos com chifres e unhas (cf. Sl 68,32), mais mortos do que vivos e desprovidos de inteligência, mas ofereçamos a Deus um sacrifício de louvor (cf. Sl 49,14), no altar celeste e em união com os coros do Céu. Afastemos o primeiro véu, avancemos até ao segundo, ergamos o olhar para o Santo dos Santos. Direi antes: imolemo-nos a nós próprios a Deus; melhor, ofereçamos-Lhe diariamente todas as nossas ações. Aceitemos tudo por causa do Verbo. Subamos com pressa até à cruz, cujos cravos são doces, ainda que sejam extremamente dolorosos. Mais vale sofrer com Cristo e por Cristo, do que viver em delícias com outros.

Se fores Simão de Cirene, toma a cruz e segue Cristo. Se fores crucificado com Ele como um ladrão, faz como o bom ladrão: reconhece a Deus. [...] Se fores José de Arimateia, reclama o corpo a quem O mandou crucificar; faz tua a purificação do mundo. Se fores Nicodemos, o servidor noturno de Deus, vem depositar este corpo no túmulo e perfumá-lo com mirra. E se fores Maria, ou Salomé, ou Joana, chora desde o começo do dia: sê o primeiro a ver a pedra do túmulo afastada, talvez mesmo os anjos, ou o próprio Jesus.

«Prestai homenagem à pequena Belém, que vos conduziu ao Céu»

«Oração 7,23; 38,16-18»

Ser sepultado com Cristo e ressuscitar com Ele, herdar o Céu com Ele e tornarmo-nos filhos de Deus: é este o grande mistério, é isto que é para nós o Deus encarnado, que Se fez pobre por nós.

Ele veio erguer a carne, salvar a sua imagem, reparar o homem. Veio tornar-nos perfeitamente unos em Cristo, nesse Cristo que veio perfeita e completamente a nós, para pôr em nós tudo o que Ele é. Já não há judeu nem gentio, já não há escravo nem homem livre, já não há homem nem mulher, que são características da carne; há apenas a imagem divina que trazemos em nós, segundo a qual fomos criados, que temos de formar e imprimir em nós, tão fortemente que baste para nos dar a conhecer.

Quantas festas celebro em cada um dos mistérios de Cristo! O resumo de todas elas é a minha perfeição, o meu restabelecimento, o meu regresso à inocência do primeiro Adão. Celebrai, pois, o nascimento, que soltou os laços do vosso nascimento; prestai homenagem à pequena Belém, que vos conduziu ao Céu; adorai a manjedoura, onde, privados de razão como éreis, fostes alimentados pelo Verbo. Correi com a estrela; com os Magos, oferecei os vossos presentes – ouro, incenso e mirra – ao rei, a Deus e ao homem, que morreu por vós. Glorificai a Deus com os pastores; com os anjos, cantai hinos e juntai-vos ao coro dos arcanjos.

«Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa»

Discurso 31, 5 A teológica, 25-27; PG 36, 159

Ao longo dos tempos, duas grandes revoluções abalaram a terra; são elas os dois Testamentos, designamo-las assim. Com uma, os homens passaram da idolatria à Lei; com a outra, passaram os homens da Lei ao Evangelho. Um terceiro acontecimento estava predito: aquele que, aqui em baixo, nos há de fazer subir às alturas, onde já não haverá movimento nem agitação. Ora aqueles dois Testamentos apresentaram o mesmo caráter [...]: não transformaram tudo de forma repentina, desde o primeiro impulso do seu movimento [...]. Tal assim foi para não nos violentar, mas para nos persuadir. Porque o que é imposto pela força não perdura no tempo [...].

O Antigo Testamento manifestou o Pai de forma clara, de forma obscura o Filho. O Novo Testamento revelou o Filho e insinuou a divindade do Espírito. Hoje o Espírito vive entre nós, e dá-Se a conhecer mais claramente. Teria sido arriscado, num tempo em que a divindade do Pai não estava ainda reconhecida, pregar abertamente o Filho, e enquanto a divindade do Filho não estivesse admitida, impor [...] o Santo Espírito. Temer-se-ia que, tal como quem traz o estômago demasiado cheio ou como quem, com olhos ainda fracos, fixa de frente o sol, os crentes se arriscassem a perder aquilo que conseguiriam agüentar, aquilo para que teriam forças. O esplendor da Trindade devia, portanto, resplandecer por sucessivos desenvolvimentos ou, como diz David, por

graduais peregrinações (Sl 83,6) e por uma progressão de glória em glória [...].

Acrescentarei ainda esta consideração: o Salvador sabia certas coisas que estimava não poderem estar ao alcance dos discípulos, apesar de todos os ensinamentos que estes já tinham recebido. Pelas razões acima ditas, Ele mantinha essas coisas guardadas. E repetia-lhes que o Espírito, quando viesse, tudo haveria de lhes ensinar.

«A revelação gradual da Trindade»

Discurso 31, 5 A teológica, 25-27; PG 36, 159

Ao longo dos tempos, duas grandes revoluções abalaram a Terra; são elas os dois Testamentos. Com uma, os homens passaram da idolatria à Lei; com a outra, passaram da Lei ao Evangelho. Um terceiro acontecimento fora previsto: aquele que nos há de fazer subir às alturas, onde já não haverá movimento nem agitação. Ora, aqueles dois Testamentos apresentaram o mesmo caráter [...]: não transformaram tudo de forma repentina, desde o primeiro impulso do seu movimento [...]. Assim foi para não nos violentar, mas nos persuadir. Porque o que é imposto pela força não perdura no tempo [...].

O Antigo Testamento manifestou o Pai de forma clara, de forma obscura o Filho. O Novo Testamento revelou o Filho e insinuou a divindade do Espírito. Hoje, o Espírito vive entre nós, e dá-Se a conhecer mais claramente. Teria sido arriscado, num tempo em que a divindade do Pai não estava ainda reconhecida, pregar abertamente o Filho; ou, enquanto

a divindade do Filho não estivesse admitida, impor [...] o Santo Espírito. Pois, tal como quem traz o estômago demasiado cheio ou como quem, com olhos ainda fracos, fixa de frente o sol, os crentes poderiam perder aquilo para que tinham forças. O esplendor da Trindade haveria, portanto, de resplandecer por sucessivos desenvolvimentos ou, como diz David, por graduais peregrinações (Sl 83,6) e por uma progressão de glória em glória [...].

«Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos»

Homilia para a festa da Páscoa; PG 36, 624, (trad. Homélaire patristique, coll. Lex orandi nº8, p. 223 rev.)

Há quem se deixe abater pela dúvida ao ver no corpo de Cristo os estigmas da Paixão, e se pergunte: «Quem é este rei glorioso?» (Sl 23, 8). Responde-lhes que é o Cristo, «forte e poderoso» (v.8) em tudo quanto fez e continua a fazer. [...] Faz-lhes ver a beleza da túnica envergada que é o corpo sofredor de Cristo, embelezado pela Paixão e transfigurado pelo brilho da divindade, essa túnica de glória que foi o objecto mais belo e mais digno de ser amado neste mundo. [...] Ele será pequeno pelo facto de Se ter feito humilde por tua causa? Será desprezível pelo facto de, Bom Pastor que dá a vida pelo Seu rebanho (Jo 10, 11), ter ido à procura da ovelha perdida e, depois de a ter encontrado, a ter posto aos ombros que por ela carregaram com a cruz e a ter contado de novo entre o número das ovelhas fiéis que permaneceram dentro do aprisco (Lc 15, 4ss.)? Parece-te menos grandioso por Se ter cingido com uma toalha para lavar os pés aos discípulos,

mostrando-lhes assim que o meio mais seguro de a pessoa se elevar é humilhando-se (Jo 13, 4; Mt 23, 12)? Porque, inclinando a alma para a terra, Se abaixa a fim de elevar Consigo aqueles que viviam abatidos sob o peso do pecado? Censuras-Lhe o facto de ter comido com os publicanos e os pecadores, para salvação deles (Mt 9, 10)?

Ele conheceu a fadiga, a fome, a sede, a angústia e as lágrimas, seguindo a lei da nossa natureza humana. Como Deus, porém, o que não fez? [...] Precisávamos de um Deus feito homem, tornado mortal, para podermos viver. Partilhámos a Sua morte, que nos purifica; pela Sua morte, Ele deu-nos a partilhar a Sua ressurreição; pela Sua ressurreição, deu-nos a partilhar a Sua glória.

«Se não fostes fiéis no que toca ao dinheiro desonesto, quem vos há-de confiar o verdadeiro bem?»

Sermão 14 Do Amor aos Pobres, 24-25

Não, meus irmãos e amigos, não sejamos maus administradores dos bens que a misericórdia divina nos concedeu (Lc 16,1 ss.), se não queremos merecer a repreensão de Pedro: «Tende vergonha, vós que vos apoderais do que não é vosso; imitai a bondade de Deus, e assim ninguém será pobre». Não nos preocupemos em acumular e conservar riquezas, enquanto outros sofrem necessidade, para não merecermos aquelas duras e ameaçadoras palavras do profeta Amós: «Escutai, vós que dizeis: «Quando passará a lua

nova para vendermos o trigo, e o sábado para abrímos os celeiros?»» (8,5).

Imitemos aquela suprema e primordial lei de Deus, que faz chover sobre justos e pecadores e faz nascer o sol igualmente para todos (Mt 5,45); que oferece a todos os animais terrestres os campos, as fontes, os rios e as florestas; que dá às aves a amplidão dos céus e aos animais aquáticos a vastidão das águas; que proporciona a todos liberalmente os meios necessários para a sua subsistência, sem restrições, sem condições, sem fronteiras, que tudo põe em comum à disposição de todos eles, com abundância e generosidade, sem que nada lhes falte. Assim procede Deus para com as Suas criaturas, a fim de conceder a cada um os bens de que necessita segundo a sua natureza e dignidade, e manifestar a todos a magnificência da Sua bondade.

«Seguir o Cordeiro de Deus»

Discurso Teológico 4

Jesus é Filho do homem, por causa de Adão e por causa da Virgem, de quem descende. [...] É Cristo, o Ungido, por causa da sua divindade; esta divindade é a unção da sua humanidade [...], presença total daquele que assim O consagra. [...] Ele é o caminho, porque é Ele quem nos conduz. Ele é a porta, porque nos introduz no Reino. Ele é o Pastor, porque conduz o seu rebanho para as pastagens, e o leva a beber nas águas refrescantes; mostra-lhe o caminho a seguir e defende-o dos animais selvagens; vai buscar a ovelha errante, encontra a ovelha perdida, trata da ovelha ferida,

guarda as ovelhas que estão de boa saúde e, graças às palavras que lhe inspira o seu saber de pastor, reúne-as no aprisco das alturas.

Ele é também a ovelha, porque é a vítima. Ele é o Cordeiro, porque é sem mancha. Ele é o sumo sacerdote, porque oferece o sacrifício. Ele é sacerdote da ordem de Melquisedeque, porque não tem mãe no Céu nem pai nem Terra, não tem genealogia nas alturas, porque – diz a Escritura – «quem contará a sua geração?» E também é Melquisedeque porque é o Rei de Salém, o Rei da paz, o Rei da justiça. [...] Eis os nomes do Filho, Jesus Cristo «o mesmo ontem, hoje e sempre», corporal e espiritualmente, «e assim para sempre». Ámen.

«Tu, que maravilhosamente criaste o homem, mais maravilhosamente ainda restabeleceste a sua dignidade»

«Sermão nº 38, para a Natividade»

*Jesus Cristo nasceu, rendei-Lhe glória!
Cristo desceu dos céus, correi para Ele!
Cristo está sobre a terra, exaltai-O!
“Cantai ao Senhor, terra inteira.
Alegria no céu; terra, exulta de alegria!” (Sl 96,1.11).*

*Do céu, ele vem habitar no meio dos homens;
estremecei de temor e de alegria:
de temor, por causa do pecado;
de alegria, por causa da nossa esperança.*

Hoje, as sombras se dissipam
e a luz se eleva sobre o mundo;
como outrora no Egito envolto em trevas,
hoje uma coluna de fogo ilumina Israel.

O povo, que estava sentado nas trevas da ignorância,
contempla hoje essa imensa luz
do verdadeiro conhecimento
porque “o mundo antigo desapareceu,
todas as coisas são novas” (2 Co 5,17).

A letra recua, o espírito triunfa (Rm 7,6);
a prefiguração passa, a verdade aparece (Col 2,17).

Aquele que nos deu a existência
quer também inundar-nos de felicidade;
essa felicidade que o pecado nos havia feito perder,
a encarnação do Filho nos devolve...

Tal é esta solenidade:
saudamos hoje a vinda de Deus ao meio dos homens
para que possamos, não chegar
mas regressar para junto de Deus;
a fim de que nos despojemos do homem velho
e nos revistamos do Homem novo (Col 3,9),
a fim de que, mortos em Adão,
vivamos em Cristo (1 Co 15,22) ...

Celebremos pois este dia, cheios de uma alegria divina,
não mundana, mas uma verdadeira alegria celeste.
«Que festa, este mistério de Cristo!
Ele é a minha plenitude, o meu novo nascimento»

«Tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos»

Discurso 45 para a Páscoa

Deus criou o homem, tirando o seu corpo da matéria que tinha produzido e animando-o com o seu próprio sopro, a que a Escritura chama alma pensante e imagem de Deus. [...] Colocou o homem na terra para velar sobre a criação visível, para ser iniciado no mistério espiritual, para reinar sobre as coisas da terra e se sujeitar ao Reino do alto. [...]

Mas o homem desobedeceu e desde então, por causa do seu pecado, ficou separado da árvore da vida, do paraíso e de Deus. A sua condição exigia uma ajuda poderosíssima, que lhe foi concedida. [...]

Que abundância de bondade é esta? Que mistério é este que me diz respeito? Eu recebi a imagem e não a guardei; e Ele recebeu a minha carne para salvar essa imagem e tornar a carne imortal. Ele ofereceu-me uma segunda participação, muito mais espantosa que a primeira. Anteriormente, tinha participado no que havia de mais alto, agora vem participar no que há de mais baixo. Este último gesto é ainda mais divino que o primeiro, ainda mais sublime para aqueles que têm inteligência para o compreender.

«Um pobre [...] jazia junto do seu portão»

14.ª homilia sobre o amor aos pobres, 38.40

«Felizes os misericordiosos», diz o Senhor, «pois alcançarão misericórdia» (Mt 5,7). A misericórdia não é a menor das bem-aventuranças: «feliz o que compreende o pobre e o fraco» (Sl 71,13); e também: «o homem bom compadece-se e partilha» (Sl 111,5); e ainda: «sempre o justo se compadece e empresta» (Sl 36,26). tornemos, pois, nossa esta bem-aventurança: saibamos compreender, sejamos bons.

Nem a noite deve deter a tua misericórdia; «não digas: volta amanhã e logo te darei» (Prov 3,28). Que não haja hesitação entre a tua primeira reacção e a tua generosidade. [...] «Partilha o teu pão com aquele que tem fome, recolhe em tua casa o infeliz sem abrigo» (Is 58,7) e fá-lo de boa vontade. «Aquele que exerce a misericórdia», diz São Paulo, «que o faça com alegria» (Rom 12,8).

O teu mérito será redobrado pelo teu zelo; uma dádiva feita de má vontade ou por obrigação não tem graça nem fulgor. É com um coração em festa e sem lamentos que devemos fazer o bem. [...] Então a luz jorrará como a aurora, e as nossas forças não tardarão a restabelecer-se. E haverá quem não deseje a luz e a cura? [...]

Por isso, servos de Cristo, seus irmãos e seus co-herdeiros (Gal 4,7), sempre que tenhamos oportunidade, visitemos Cristo, alimentemos Cristo, agasalhemos Cristo, abriguemos Cristo, honremos Cristo (cf. Mt 25,31s). Não só sentando-O à nossa mesa, como alguns fizeram, ou cobrindo-

O de perfumes, como Maria Madalena, ou participando na sua sepultura, como Nicodemos. [...] Nem com ouro, incenso e mirra, como os magos, [...] pois o Senhor do universo «quer a misericórdia e não o sacrifício» (Mt 9,13), prefere a nossa compaixão a milhares de cordeiros gordos (Miq 6,7). Apresentemos-Lhe pois a nossa misericórdia pela mão desses infelizes que jazem hoje por terra, para que, no dia em que partirmos daqui, eles nos «conduzam à morada eterna» (Lc 16,9), ao próprio Cristo, nosso Senhor.

«Vir à luz»

Hino 32; PG 37, 511-512

*Nós Te bem dizemos, Pai da Luz,
Cristo, Verbo de Deus, Esplendor do Pai,
Luz da Luz, e fonte de Luz,
Espírito de fogo, sopro do Filho e do Pai.*

*Trindade Santa, Luz indivisa,
Tu dissipaste as trevas para criar
Um mundo luminoso, de ordem e beleza,
Feito à Tua semelhança.*

*De razão e de sabedoria iluminaste o homem,
Iluminaste-o com o selo da Tua Imagem,
De modo que, na Tua luz, veja a luz (Sl 36,10),
E todo ele se torne luz.*

*Fizeste brilhar no céu inúmeras estrelas,
Ordenaste ao dia e à noite*

*que se entendessem e partilhassem o tempo
Alternadamente, pacificamente.*

*A noite põe termo ao trabalho do corpo cansado,
O dia chama às obras que Te agradam,
Ensina-nos a fugir das trevas, a apressar-nos
Para esse dia que não terá o caso.*